

ANO 2/Nº 6/DEZEMBRO 2010/JANEIRO 2011

pense!

REVISTA DO PROGRAMA
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA



PEDAGOGIA

Os brinquedos e as brincadeiras na aprendizagem 18

CIÊNCIA

A importância do sono para a saúde 40

CULTURA

José Saramago: entre a filosofia e a imaginação 38

Os sete saberes

O pensador Edgar Morin fala sobre a importância dos saberes aplicados aos novos tempos 25

EDITORIAL

Todos os anos, a natureza, muito sabiamente, nos dá a oportunidade de olharmos para o que fizemos, avaliarmos essas realizações, e planejarmos ou redefinirmos os próximos passos de nossas vidas, rumo ao que está por vir. Não à toa, a edição nº 6 da *Pense!*, que transita entre o tempo que foi e o que está por chegar, dedica sua capa ao Sete Saberes preconizados pelo filósofo e sociólogo Edgar Morin, apontando algumas indicações sobre como compreendê-los, no complexo mundo atual, com suas ambiguidades e ambivalências, e aplicá-los à nossa vida, colocando-nos como sujeitos conscientes e comprometidos com a superação dos problemas do nosso planeta e da nossa sociedade.

E assim como a própria natureza, sistêmica e integrada, os princípios definidos por Morin foram inspirados nos Quatro Pilares da Educação, formulados pelo político francês Jacques Delors, autor e organizador do relatório para a Unesco, "Educação, um tesouro a descobrir" (1996). São eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, com os outros; aprender a ser.

São princípios definidores da estratégia de promover a educação como desenvolvimento humano, contribuindo para a formação integral do ser humano em todos os seus aspectos: corpóreo, espiritual, sensível, social, cognitivo etc., de forma que cada um possa desenvolver criatividade, senso crítico e valores que o conduza à construção de sua própria história.

Vistos assim, parecem simples. Mas não são. São muitos os indivíduos que chegam à fase adulta sem essas capacidades desenvolvidas, comprometendo vários aspectos das vidas. E nós, educadores, temos o papel moral de contribuir para a formação de indivíduos mais plenos, que atuarão na construção de um mundo melhor e mais justo, com seres humanos sensíveis, éticos, solidários, alegres, capazes de articular as diversas áreas do conhecimento, preocupados e proativos com as questões dos novos tempos. Assim, cabe a nós, que temos brotos em nossas mãos, cuidarmos da vida para que ela nos dê flores e frutos.

EXPEDIENTE

GOVERNADOR
Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR
Francisco José Pinheiro

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO ADJUNTO
Maurício Holanda Maia

CONSELHO EDITORIAL
Márcia Oliveira Cavalcante Campos, Lucidalva Pereira Bacelar, Fabiana Skeff, Cristiane Holanda; Ana Márcia Diógenes, Maurício Holanda Maia, Maria Amélia Prudente Pinheiro.

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria Amélia Bernardes Mamede

EDIÇÃO
Isabelle Câmara

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
Ana Néo

TEXTOS
Ana Néo, Anna Cavalcanti, Daniel Fonsêca, Isabelle Câmara e Giuliano Vila Nova

REVISÃO
Marta Maria Braide Lima

CAPA E ILUSTRAÇÕES
Carlus Campos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Carol Gouveia e Pedro Marques

FALE CONOSCO
revistapensece@gmail.com

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, o posicionamento da Secretaria da Educação do Estado do Ceará. ISSN : 2176-6711 | Tiragem: 25.000 exemplares

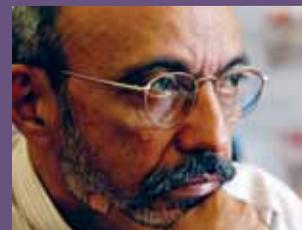
Sumário



Pedagogia

ENTREVISTA
Gilmar de Carvalho
O pensador das tradições

12



Pedagogia

MÃOS À ARTE
Cadernos artesanais
Fazer manual ganha novo significado em tempos de tecnologia

34



Ciência

MEIO AMBIENTE
Queimadas
Prática ameaça os ecossistemas do Ceará

32



Cultura

DE ONDE VEM...
Os dois baiões?
O baião e o baião-de-dois são a cara do Ceará

45



Cultura

VIVER PARA CONTAR
Flávio Sampaio do Ceará para o mundo

23



Ciência

MUNDO VIRTUAL
Cinema 3D
A fantástica ilusão de ótica

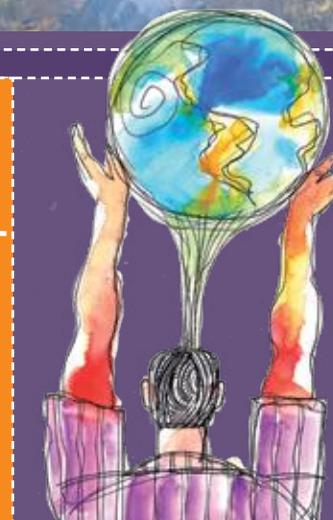
11



Matéria Principal

OS SETE SABERES
Edgar Morin e o novo mundo

25



E ainda

- | | | | |
|----|----------------------|----|----------------------|
| 04 | Aos Professores | 22 | Não é bem assim |
| 06 | PAIC em dia | 30 | Panorama |
| 07 | Você Sabia | 36 | Sala dos Professores |
| 08 | Bonito de se ver | 38 | Asas da Palavra |
| 10 | Educação no tempo | 40 | Papo Saúde |
| 15 | Filosofando com arte | 42 | No Ceará é assim |
| 16 | Missão Possível | 44 | Questão de Gênero |
| 18 | Plano de Aula | 46 | Nossa Terra |
| 20 | Cadeiras na Calçada | 48 | Tirinha |

Pense Novo no Ano Novo

As tempestades da vida ensinam que não adianta pular sete ondas na passagem do ano se o seu coração continua sobressaltado e o impede de ver o horizonte que o mar aponta na escuridão.

De nada vale comer lentilhas se seu corpo anda pesado pelos ressentimentos e você ainda rumina questões mal resolvidas. Para que devo- rar as uvas e guardar as sementes, se você não pretende plantar a caridade?

Por que se cobrir de branco se você nada faz para evitar a guerra? Ou se vestir de verme- lho em busca de um grande amor se você anda

fechado para seu verdadeiro significado?

As ações repetitivas não servem para a en- trada do ano se o seu coração não está conec- tado com a sua mente e o seu desejo não tem a força dos sentimentos sinceros.

Por isso fale baixo, veja o dia surgir em si- lêncio. Pense novo no ANO NOVO. Conecte-se com as suas reais necessidades, com os desejos que emanam da sua mente e dialogam com o seu coração, e deixe o ano novo nascer de dentro de você, como já advertiu Carlos Drummond de Andrade. **PI**

Esperança - Mário Quintana

Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano
Vive uma louca chamada Esperança
E ela pensa que quando todas as sirenas
Todas as buzinas
Todos os reco-recos tocarem
Atira-se
E
— ó delicioso vôo!
Ela será encontrada miraculosamente incólume na cal-
çada,
Outra vez criança...
E em torno dela indagará o povo:
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?
E ela lhes dirá
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...



Receita de ano novo - Carlos Drummond de Andrade

Para você ganhar um belíssimo Ano Novo
cor do arco-íris, ou da cor da sua paz,
Ano Novo sem comparação com todo o tempo já
vivido
(mal vivido talvez ou sem sentido)
para você ganhar um ano
não apenas pintado de novo, remendado
às carreiras,
mas novo nas sementinhas do vir-a-ser;
novo
até no coração das coisas menos percebidas
(a começar pelo seu interior)
novo, espontâneo, que de tão perfeito nem se nota,
mas com ele se come, se passeia,
se ama, se compreende, se trabalha,
você não precisa beber champanha ou qualquer
outra birita,
não precisa expedir nem receber mensagens
(planta recebe mensagens?
passa telegramas?)
Não precisa
fazer lista de boas intenções
para arquivá-las na gaveta.
Não precisa chorar arrependido
pelas besteiras consumidas
nem parvamente acreditar

que por decreto de esperança
a partir de janeiro as coisas mudem
e seja tudo claridade, recompensa,
justiça entre os homens e as nações,
liberdade com cheiro e gosto de pão matinal,
direitos respeitados, começando
pelo direito augusto de viver.
Para ganhar um Ano Novo
que mereça este nome,
você, meu caro, tem de
merecê-lo,
tem de fazê-lo novo,
eu sei que não é fácil,
mas tente, experi-
mente, consciente.
É dentro de você que o
Ano Novo
cochila e espera desde
sempre.



Poema - Manoel de Barros

A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre
portas,

que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.

Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.



PAIC: o trabalho e a confiança que se renovam

Com a permanência de Izolda Cela na Secretaria da Educação do Estado do Ceará durante a próxima gestão do Governo Cid Gomes, o Programa Alfabetização na Idade Certa tem sua continuidade garantida

A chegada de um ano sempre nos leva a refletir sobre as experiências que vivemos e sobre o que queremos para o futuro próximo. Essa avaliação, no âmbito do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE), nos faz pensar sobre os importantes momentos que foram vividos ao longo da gestão atual.

O PAIC tornou-se política pública em 2007, com o objetivo de promover profundas mudanças nos modelos de gestão municipal de educação. Com o PAIC, a SEDUC assumiu a corresponsabilidade pelos resultados educacionais da rede municipal e criou uma estratégia para apoiar os municípios a melhorarem a educação, começando no início da escolaridade infantil.

Foi o baixo diagnóstico do Estado em alfabetização que impôs a necessidade de mudanças. O primeiro diagnóstico em alfabetização foi realizado em 2004, quando a Assembleia Legislativa do Estado pesquisou 48 municípios cearenses, avaliando cerca de 8 mil crianças que cursavam a 2ª série do Ensino Fundamental (hoje 3º ano), e descobriu que só 15% liam e compreendiam um pequeno texto. De um modo geral, os indicadores deixavam muito a desejar: em 2008, por exemplo, apenas 6,9% dos alunos dos 5º anos estavam no nível adequado em língua portuguesa.

Assim, nestes quatro anos de gestão do governo Cid Gomes foram formados, a cada ano, 954 professores alfabetizadores multiplicadores para turmas de 1º ano; 1.292 professores do 1º ano de municípios com as menores proficiências foram apoiados diretamente em suas práticas educacionais;

28.286 professores alfabetizadores de 2º ano foram atendidos; cerca 440.000 mil alunos receberam material didático; e 424.635 crianças do 1º ano do EF receberam material produzido especificamente para alfabetização, impresso através da SEDUC, o que beneficiou 24.823 professores.

Em paralelo, foi criado o Prêmio Escola Nota Dez para reconhecer e premiar escolas que promovem mudanças; foram adquiridos computadores para os 184 municípios, para uso exclusivo da avaliação; e foram realizadas diversas oficinas e seminários de orientação e análise pedagógica. Também foi adquirido um acervo literário com 33 títulos, correspondendo a um total de 218.580 livros, o que beneficiou 128.946 alunos do 2º ano, a cada ano; e foram constituídos 186 clubes de leitura, sendo três em Fortaleza e 183 nos demais municípios cearenses; entre outras importantes ações.

E já é certo: com a permanência de Izolda Cela à frente da SEDUC durante a próxima gestão do Governo Cid Gomes, o PAIC tem sua continuidade assegurada. De acordo com Márcia Campos, coordenadora do Programa, os desafios ainda são muitos, mas os resultados do PAIC demonstram que, com uma gestão focada em aprendizagem, acompanhamento às escolas, avaliação externa, formação de professores vinculada ao currículo, e vontade política, pode-se transformar os baixos indicadores educacionais.

Segundo a coordenadora, se o município definir políticas de aprendizagem e de formação continuada, com foco no trabalho do professor na sala de aula; acompanhar as escolas; monitorar os resultados através da avaliação externa e do diálogo com a comunidade escolar; escolher os diretores priorizando o mérito; extinguir as salas multisseriadas e valorizar os professores é certo que consiga elevar seus índices. "Em apenas um ano, alguns municípios elevaram seus resultados para o nível desejável. Isto nos indica que com um trabalho de intervenção forte e focado, os resultados em educação acontecem rápido. O caminho está desvendado, agora só resta trilhar", recomenda Márcia. **PI**

PALÍNDROMOS

Você já se deu conta de que algumas palavras que falamos são iguais quando lidas do final para o começo? Na língua portuguesa, isso tem um nome: palíndromo. Esse fenômeno ocorre quando uma palavra ou frase traz a possibilidade de ser lida tanto da esquerda para a direita quanto da direita para a esquerda sem que seu significado mude. Esse vocábulo é de origem grega, formado pelo prefixo "palin" que significa novo e pelo sufixo "dromo" que quer dizer percurso ou circuito. Para que uma frase seja considerada um palíndromo, geralmente é preciso desconsiderar alguma pontuação ou acento ortográfico existente.

Ainda que haja muitos exemplos em português, o palíndromo não é exclusividade da nossa língua. Existem palavras e frases palindrômicas em espanhol, alemão, francês, inglês, finlandês e em vários outros idiomas. No nosso, a mais extensa de todas elas é o superlativo de omissão, "omissíssimo". Na matemática, também é possível a existência de palíndromos, ou seja, números que são iguais quando vistos do final para o começo, como 242 ou 90009. Contudo, nessa ciência eles ganham um novo nome: capicua. Veja exemplos de palíndromos famosos da nossa língua:

- Socorram-me, subi no ônibus em Marrocos
- Me vê se a panela da moça é de aço Madalena Paes, e vem
- Anotaram a data da maratona
- A mala nada na lama

FOTO: PAULO PINTO



PARTITURA DOS PÁSSAROS

É comum vermos passarinhos pousados nos fios de luz das ruas da cidade. Às vezes, aos montes, eles ficam parados, enfeitando a fiação, prontos para uma revoada. Aparentemente, uma cena normal. O que poucas pessoas podiam imaginar é que essa visão corriqueira poderia se transformar em música aos olhos de um artista. Foi isso que aconteceu quando Jarbas Agnelli, músico e publicitário, viu uma imagem, clicada pelo fotógrafo Paulo Pinto, de alguns pássaros pousados em fios: compôs uma canção.

Ao ver a imagem dos passarinhos, tão bem colocados na fiação, Jarbas conseguiu enxergar notas numa partitura e, logo em seguida, criou uma música baseada na foto que viu. "Pássaros empilhados viraram acordes e os solitários, notas no teclado", disse o publicitário. Logo que o vídeo com a música foi publicado, a ideia virou febre na Internet e Jarbas foi chamado para dar entrevista em várias rádios internacionais. A partitura criada pelos pássaros e traduzida em música pelo publicitário sensibiliza e encanta pela singeleza do seu som. A canção mostra o quanto a natureza pode surpreender, sempre da maneira mais inesperada e, também, artística. **PI**



Mais do que estudantes; cientistas

Através da metodologia de projetos, o Liceu de Maracanaú está passando por diversas mudanças pedagógicas

Um novo método de trabalho tem revolucionado o cotidiano do colégio Liceu de Maracanaú. Projetos nas áreas de Linguagens e Códigos, Ciências Humanas e da Natureza movimentam professores, estudantes e funcionários em torno de atividades extracurriculares integradas aos conteúdos tradicionais, nas salas de aula. A ideia tem dado tão certo que se tornou comum os estudantes viajarem para participar de feiras e encontros nacionais e internacionais, de onde sempre saem premiados.

Para implantar o modelo inovador, em 2005, com a chegada do professor Plácido Cavalcante à direção da escola, a divisão da carga horária anual dos professores foi alterada. As disciplinas foram concentradas e passaram a ser ministradas por semestre: no primeiro, são ministradas aulas de Matemática, Química, Física e Biologia; no segundo, é a vez de Língua Portuguesa, História, Geografia, Inglês e Filosofia. Com isso, o processo de ensino-aprendizagem passou a ter nova dinâmica.

Plácido avalia que a metodologia de projetos incentiva os estudantes a estudarem mais, a partir do momento em que os profes-

sores passaram a ter mais tempo para aprofundar os conteúdos. "Aqueles aulas, muitas vezes insossas - professor, giz e apagador -, hoje já não têm tanto espaço. A gente até brinca aqui que não quer o professor 'auleiro'. A gente quer aquele professor que trabalhe com o aluno, que trabalhe com projetos numa perspectiva diferente", justifica o diretor.

A nova metodologia levou a escola a mudar, praticamente, toda a estrutura pedagógica. No início, lembra o diretor, a comunidade escolar aprovou a ideia. Com a concentração das aulas em um semestre, a proposta era que os professores tivessem a metade das turmas, o que demandava mais dedicação para preparar as aulas. Depois de um primeiro momento de adaptação, pais e mães, professores e, principalmente, estudantes se entusiasmaram.

"Dois anos depois, os resultados começaram a aparecer e a escola começou a ganhar prêmios, melhorou os índices no SPAECE e no ENEM. Essa forma de trabalho refletiu na aprendizagem de uma forma geral", analisa Plácido. De acordo com o professor, os estudantes têm se empenhado bastante em feiras e encontros.

FOTO: DAVI ARAGÃO



O professor Plácido mudou a rotina do Liceu de Maracanaú, promovendo uma revolução na instituição

"Com os recursos que recebemos, além de aplicarmos na escola e no ensino, também incentivamos o reforço em Inglês e Espanhol para que os estudantes fiquem aptos a participar de eventos fora do país", afirma.

Outras iniciativas são duas publicações pro-

duzidas por estudantes, sob orientação de professores: o jornal *A Voz*, que traz informações gerais, e a revista *Ampulheta*, que aborda passagens da história. Os produtos também são trabalhados em sala de aula. Há, ainda, um projeto que trata da cultura indígena e sua influência na sociedade. **PI**

CONFIRA ALGUMAS PREMIAÇÕES:

A estudante Aline Ribeiro Pinho foi a única estudante de escola pública estadual do país selecionada para participar do International Science and Engineering Camp (Isec), que aconteceu em agosto de 2010, na Coreia do Sul.

O estudante João Batista Júnior ficou com o 1º lugar na 8ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (Febrace) 2010, na categoria Ciências Biológicas, e foi premiado na Feira Internacional de Ciências e Engenharia da Intel (Intel ISEF), realizada nos Estados Unidos.

O projeto "Desidratação por Meio da Secagem Natural" tirou 1º lugar na categoria de Meio Ambiente no Acampamento Científico realizado na Argentina, em outubro de 2010. Na mesma área, o projeto "Obtenção de etanol através de hidrolisados" foi o 1º colocado no encontro Semilleros de Investigación, realizado na Colômbia.



Marquês de Pombal e a educação pública no Brasil

A Constituição Brasileira garante a Educação como um direito que o poder público deve proporcionar a todos os cidadãos do país. Mas nem sempre a instrução foi essa. Na época dos jesuítas, quando ainda éramos colônia de Portugal, o ensino estava a cargo da Igreja Católica. Isso mudou no governo de Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal. Primeiro Ministro de Portugal (1750 a 1777), Pombal fez reformas administrativas, inclusive no setor educacional, que repercutem até hoje.

As chamadas Reformas Pombalinas faziam parte do plano de atualizar Portugal em relação ao restante da Europa. Entre outras medidas, Pombal expulsou os jesuítas de Portugal e de suas colônias, através do Alvará Régio de 28 de junho de 1759. A alegação foi a de que a Companhia de Jesus agia como poder autônomo e suas ligações internacionais eram um entrave ao poder do Estado português. Na primeira reforma educacional, no Brasil, foi criado o cargo de Diretor

Geral dos Estudos (uma espécie de Ministro da Educação) para nomear e fiscalizar os professores. Os conteúdos passaram a ser transmitidos por leigos, em aulas de Latim, Grego, Filosofia, Retórica e Ciências da Natureza, substituindo o ensino religioso. E estava proibido o *nheengatu* (mistura de línguas nativas com o Português). Estudiosos afirmam que a medida impediu que o Brasil se tornasse um país bilíngue.

Na realidade, Pombal reorganizou a escola na colônia para atender aos interesses econômicos da Coroa. Com as reformas, libertou os índios da tutela religiosa e permitiu que se miscigenassem com os colonizadores, assegurando o crescimento populacional, o povoamento estratégico e o controle das fronteiras.

A implantação de um novo modelo educacional ajudou a preparar homens capazes de assumir postos de comando no Estado. Além disso, os novos professores impulsionaram sentimentos liberais que influenciaram na independência do Brasil. Por fim, as



reformas criaram as condições para que, em 1808, com a vinda de Dom João VI, fossem instituídos os ensinos técnico e superior e criadas as Academias Militares, Escolas de Direito, Medicina e a Biblioteca Real. **PI**

SAIBAMAI

O Marquês de Pombal e sua época. João Lúcio de Azevedo - Editora Alameda

3D: a ilusão mais fantástica do cinema

A sensação dos cinemas este ano não foi nenhum ator revelação ou filme recordista de bilheteria: o que mais levou o público às salas foram as projeções em 3D. E não é à toa que este tipo de filme virou mania: os efeitos especiais realmente impressionam. Quando um personagem sai voando, parece que ele vai se descolar da tela. Se ele mergulhar, você pode jurar que está dentro d'água também. A diversão, que atrai multidões a cada lançamento, em breve estará disponível em aparelhos de TV comuns. Mas você sabe como funcionam as projeções em 3D?

Os filmes em 3D têm esse nome porque as cenas dão a impressão de profundidade – é a tercei-

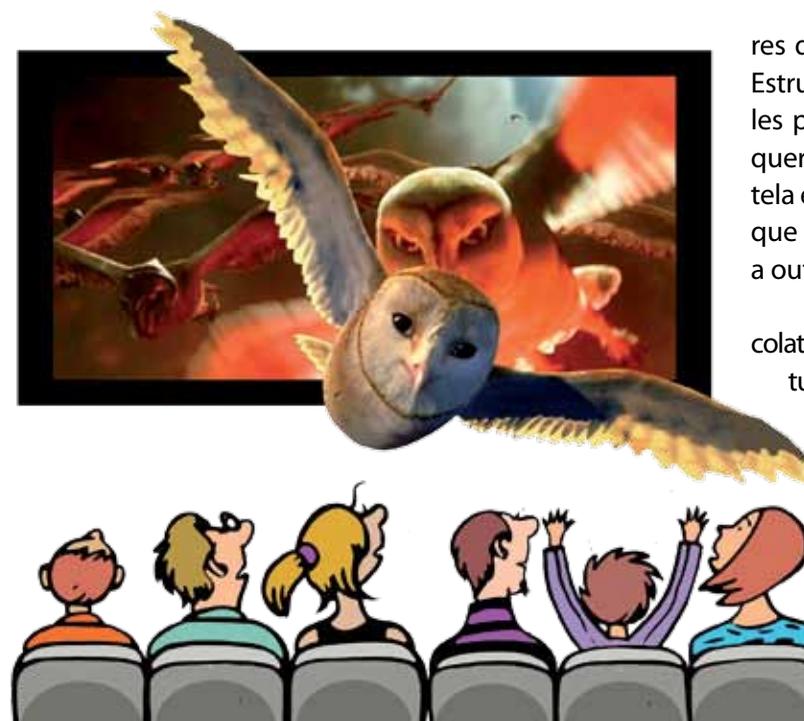
ra dimensão espacial, além da largura e da altura. O ser humano tem visão binocular, ou seja, cada olho enxerga uma imagem com um ângulo ligeiramente diferente. Quando combinadas pelo cérebro, tem-se a impressão de serem apenas uma. A tecnologia 3D aproveita a pequena diferença entre os olhos para criar uma ilusão de ótica, dando a impressão de que se trata de cenas panorâmicas e com profundidade.

Por isso, é preciso usar óculos tridimensionais, com lentes polarizadas. Esse tipo de lente deixa passar apenas as ondas de luz que são alinhadas na mesma direção que a dela. Outro elemento é a tela, desenvolvida, especialmente, para manter a polarização correta quando a luz do projetor é refletida.

Um filme em 3D usa um ou dois projetores digitais para reproduzir a imagem na tela. Estruturas com dois projetores utilizam um deles para reproduzir a imagem para o olho esquerdo e o outro, para o olho direito – ou seja, a tela exibe duas imagens e os óculos fazem com que uma das imagens alcance um dos olhos e a outra, o outro.

Tanta tecnologia pode causar alguns efeitos colaterais. Diversas pessoas se queixaram de tonturas e enjoo ao assistirem filmes em 3D. Isso ocorre em razão dos movimentos oculares que não são naturais e do esforço que o cérebro tem de fazer para acompanhar a movimentação das imagens na tela.

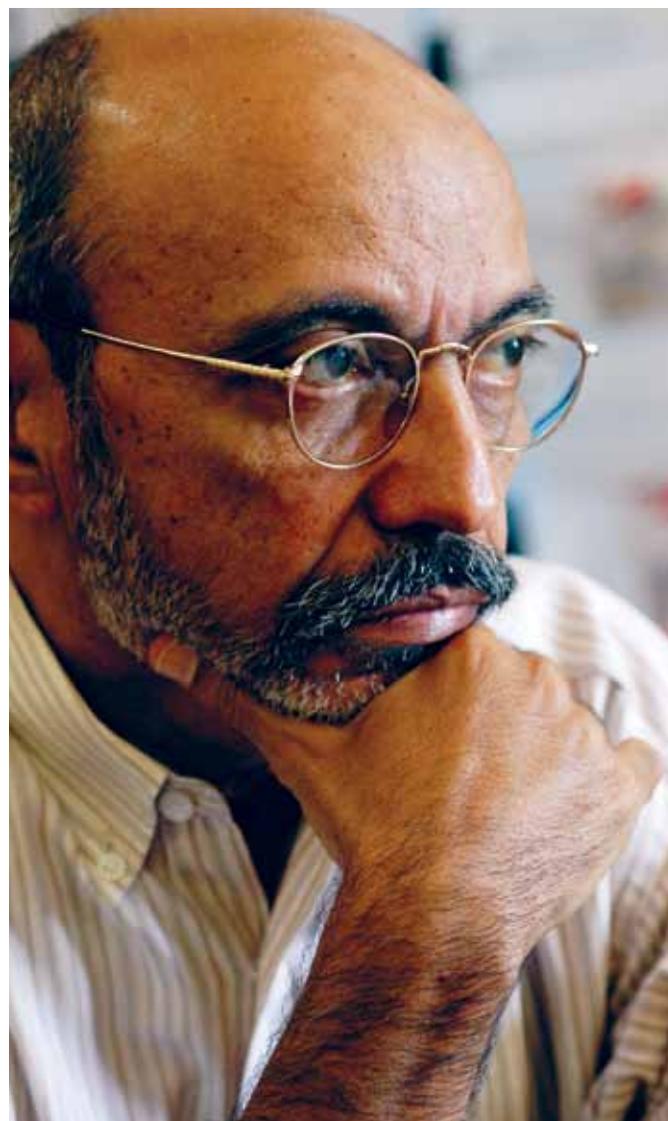
Se você já sofreu com isso, uma dica para minimizar o problema é evitar olhar para partes desfocadas das cenas. Assim você poderá aproveitar esta nova forma de entretenimento. **PI**





O Pensador das tradições

FOTO: LIA DE PAULA / JORNAL O POVO



Ele é uma daquelas pessoas que são consultadas, para assuntos os mais diversos, por jornalistas, estudantes e pesquisadores. Bacharel em Direito, sem jamais ter exercido a advocacia, o sobralense Gilmar de Carvalho trabalhou em alguns momentos com jornalismo, mas foi na publicidade que ele começou sua carreira profissional.

Alguns anos depois, uma viagem a Juazeiro do Norte transformou sua visão sobre o estado, a cultura e a sua própria profissão. “Os meus interesses mudaram, a minha vida ficou de ponta-cabeça, no bom sentido”, lembra o professor. Não bastava mais trabalhar com questões que colaboravam para o “hegemônico”, como ele caracteriza o pensamento dominante. Voltou-se às culturas populares.

A partir desse vento de mudança é que surge o Gilmar de Carvalho professor universitário, pesquisador inveterado e referência intelectual. Escritor, não parou sua produção mesmo após a aposentadoria na Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2009. Nesta entrevista, ele conta um pouco da sua trajetória, fala sobre os principais temas que estuda e discute ideias e conceitos como folclore, cearensidade e tradições culturais.

Pense! - Professor, nas suas pesquisas, prevalecem questões ligadas à cultura popular e às tradições culturais. O que lhe encantou nessa área?

Eu costumo dizer que a minha vida mudou em 1976, quando eu fiz uma viagem a Juazeiro do Norte. Eu era até então uma pessoa muito de cidade, muito pedante, muito urbano, muito medido, achava que sabia de tudo e o impacto de uma visita a Juazeiro foi tão forte, na minha vida, onde eu viromeiros, onde eu vi religiosidade sertaneja muito forte e onde eu vi a pulsação dessa arte tradicional, dessa arte que a gente chama de popular. Então eu visitei tipografia de cordel, vi poetas fazendo versos, vi xilógrafos cortando tacos, vi grandes escultores, como o Mestre Noza. Foi uma imersão numa realidade que não era a minha realidade e eu voltei tão tocado, tão sensibilizado que a partir daí, os meus interesses mudaram, a minha vida ficou de ponta-cabeça, no bom sentido, e eu comecei a fazer uma coleção de literatura de cordel, a me interessar por outras leituras. Em 1984, eu ingressei no magistério superior por meio de concurso e dois anos depois, eu saio pro mestrado e já começo a me voltar pra mistura do cordel na publicidade. As coisas foram se arrumando de um jeito que eu não tinha como fugir da constatação de que eu queria estudar as tradições, a cultura das camadas subalternas, eu queria estudar outra coisa que não isso que a gente chama de hegemônico, de erudito, isso que a gente vê todo dia.

Pense! - Como o senhor avalia algumas abordagens que são feitas da cultura popular que variam entre o preconceito, o estático e o folclore?

Esses dois lados da questão são muito complicados, porque a gente termina caindo em estereótipos. É muito perigoso tanto a gente cair nessa coisa: “Olha, que coisa pura!”, “coisa autêntica”, “coisa de raiz”. Isso é um discurso mui-

to equivocado, que é um discurso do folclore, como também é muito perigoso esse discurso que desautoriza tudo o que vem das camadas populares, como se tudo que viesse das camadas populares cheirasse mal, fosse ilegítimo, fosse pobre, fosse tosco, quando não é. Nós temos uma cultura popular sofisticadíssima que está vinculada a uma tradição. Tudo faz parte de um grande processo; já não existe uma cultura popular desfragmentada, que tenha surgido do nada. Ela está imersa, envolvida, está fazendo parte de uma trama, de uma teia muito maior que passa pelas manifestações culturais de muitas civilizações, de muitos países, de muitas etnias, de muitos tempos, tempos diferentes.

Pense! - Muitas vezes se quer valorizar a cultura popular apelando para o “resgate”, a “revitalização”. Qual a visão que o senhor tem dessa abordagem das tradições?

Eu não trabalho com esse conceito de ‘resgate’. Eu digo sempre, de uma maneira brincalhona, que quem resgata é o Corpo de Bombeiros. A revitalização eu acho importante, no sentido dos grupos que já existem terem algum apoio. Hoje as nossas leis de incentivo cultural, geralmente, apoiam o que dá mídia. Então quando a gente tem uma linha de estímulo, de incentivo, um tratamento dado com seriedade a esses produtores populares, eu acho que é isso que deve ser feito, mas não tentar revitalizar, ir pra dentro, ensinar como é que se dança. Na verdade, quando se faz isso, passamos a ter grupos populares falsos. Grupos populares para turista ver. Eu acho que a gente tem que começar a aceitar que uma manifestação cultural possa perder o interesse para a comunidade e, nesse sentido, ela possa deixar de existir sem maiores traumas. Pode ressurgir, em algum outro momento, se aquilo voltar a fazer



parte novamente dos interesses, das intenções da comunidade.

Pense! - A cultura tem tido distintas abordagens pelos governos e pela sociedade. Há os que a interpretam como um negócio e os que a defendem como um direito. Qual a leitura que o senhor faz dessas duas compreensões?

Eu vejo as manifestações culturais como algo que significa ou que expressa anseios, sonhos, medos, enfim, elas têm que fazer sentido pra comunidade. Quando a gente vê só pelo aspecto do negócio, há um empobrecimento muito grande porque, na verdade, toda essa engrenagem, toda essa estrutura da chamada Indústria Cultural, tudo isso vai fazer com que as manifestações sejam bem trabalhadas, bem elaboradas para que sejam bem consumidas. Tudo isso pode empobrecer, pode fazer com que as manifestações passem a ser caricaturas do que elas foram em outros momentos. Por outro lado, se a gente tem uma defesa da cultura como um direito, isso é importante na medida em que as pessoas envolvidas em todo esse processo estejam sabendo que o exercício daquele direito reforça a cidadania, que o exercício daquela prática reforça uma determinada comunidade, que é importante para um processo de fortalecimento da identidade, uma palavra que é muito complicada, mas que eu vou correr o risco de usar. É importante para um processo de fortalecimento de grupos, de etnias, como nós temos as etnias indígenas que buscam o fortalecimento a partir do "Toré" e etnias africanas que buscam o fortalecimento a partir do "Maracatu", por exemplo. Então nós temos aí uma idéia de que é preciso que as pessoas que participam dessas manifestações, desses folguedos, elas saibam que aquilo é uma brincadeira, é uma coisa lúdica, mas que, por trás, existe um processo político que é muito forte, que também está em jogo.



FOTO: ISABELLE CÂMARA

Pense! - Qual a visão que o senhor tem da "cearensidade"? Ela realmente existe ou é uma construção?

Eu acredito que essa cearensidade tal como ela é tratada, nesse sentido de estereotipar a irreverência e ressaltar ou homenagear uma hospitalidade, não me parece uma coisa verdadeira. Eu acho que a gente pode buscar alguns traços do que seria uma cearensidade, mas na medida em se afirma muito categoricamente que o cearense é irreverente, que o cearense é hospitaleiro, a gente já está trabalhando em outro terreno, que é o terreno ideológico dos estereótipos. A gente está traçando como a gente gostaria que fosse, e não como na verdade é. Então essa questão da cearensidade como da "mineiridade", da "brasilidade", de qualquer uma dessas construções, é um processo muito delicado porque não há uma unanimidade. São tendências ao fortalecimento naquele sentido, mas daí a querer generalizar ou dizer que nós somos assim é outra coisa. É muito autoritário dizer: "o Ceará é assim porque as pessoas riem." **PI**

A hora da estrela

A obra literária de Clarice Lispector é filosófica por excelência



Há exatos 90 anos nascia em uma pequena cidade da Ucrânia aquela que seria considerada por muitos a maior escritora brasileira, Clarice Lispector, que chegou ao Brasil logo após seu nascimento. Sua obra é um virtuoso caminho para se pensar a relação entre literatura e filosofia, pois é sobre o mistério da existência que repousam seus escritos. Ela afirmava que enquanto houvesse perguntas e não houvesse respostas, continuaria a escrever.

Se a pergunta filosófica por excelência é *Quid (Que)* - o que é o homem, o que é a existência, o que é a morte - pode-se afirmar que a arte de Clarice é uma busca constante por essas revelações. Assim como na filosofia, sua obra não se limita a fronteiras políticas, geográficas, temporais. Sujeita-se antes à condição do "ser" humano, uma visão mais profunda da

vida, das pessoas, das relações humanas. Por isso mesmo, a escritora tem se tornado uma das mais pesquisadas e conhecidas no mundo. Recentemente, ganhou sua primeira biografia internacional, *Why this World*, escrita pelo norte-americano Benjamin Moser, traduzida para o português sob o título de *Clarice*.

Enquanto a filosofia coloca-se como lugar para o alcance da verdade, a literatura de Lispector celebra a incerteza, mostrando as diferenças entre uma e outra expressão. No entanto, no romance *A Hora da Estrela*, que virou filme dirigido por Suzana Amaral, a personagem central Macabéa, ao contrário de outros personagens de Clarice, que sempre beiravam à morte, mas se salvavam, encontra na morte sua verdade.

De origem nordestina, pobre, intelectual e fisicamente comprometida, alienada do mundo e massacrada pela sociedade, após sair de uma consulta a uma cartomante que lhe anima com a possibilidade de um novo mundo, ao lado de um homem estrangeiro, bonito e rico, Macabéa, ao atravessar a rua é atropelada e morta por uma Mercedes. "É quando finalmente é percebida por todos e tem ali sua hora de estrela, a hora maravilhosa e impensável, hora para a qual nos inclinamos como em direção à verdade", como afirma Hélène Cixous, no seu livro *A Hora de Clarice Lispector*. Enigmática como seus livros e vida, esse foi também o último livro de Clarice. **PI**



FOTOS: DIVULGAÇÃO



O som da vida

Visando sensibilizar e despertar as crianças para a música, a professora Lili Sousa coordena há seis anos o coral do ABC do Bom Jardim



Mais do que canto, os corais ensinam um novo gosto musical aos participantes

Os sons estão por toda parte. Desde a hora que acordamos até quando vamos dormir, estamos ouvindo algo: o cantar dos pássaros, a buzina dos carros, as vozes de pessoas e, também, as músicas. Em meio a uma enorme diversidade, como ensinar a criança a perceber a qualidade dos sons, a reconhecer uma boa música em meio a tantas outras?

Em busca de sensibilizar e despertar musicalmente as crianças, a professora Lili Sousa coordena há seis anos o coral do ABC do Bom Jardim, um dos ABC's do Projeto Ceará, Espaço de Vida, Arte e Educação desenvolvido pela Secretaria da Ação Social (SAS). São organizados corais em mais cinco ABC's, sendo o do Bom Jardim o primeiro deles e coordenado pela pro-

fessora desde o início.

Os encontros acontecem, religiosamente, às quintas-feiras, quando Lili ensaia as músicas que já ensinou e passa as novas. De acordo com a professora, as crianças aprendem muito rápido e, graças à velocidade do processo, já estão aprendendo a cantar até em inglês. "Sempre apresento uma ou duas canções, vendendo meu peixe, mas não forço ninguém a cantar o que quero. Eles não rejeitam", diz a professora.

No repertório do coral, só grandes nomes da música brasileira. Toquinho e Zeca Baleiro estão entre os favoritos. Lili, formada em Música pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e com especialização em coro infantil pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) repassa o aprendizado: "O objetivo é trabalhar a questão musical, o aprender a ouvir, conhecer outras músicas, abrir o leque deles para que eles conheçam mais", ensina a professora.

Para entrar no coral, não é preciso seleção, basta haver o interesse de cantar. De acordo com Lili, todos os meses entram novas crianças e o desafio fica cada vez maior, é preciso ter flexibilidade e paciência: "É um exercício de você ouvir a criança que canta num tom e as crianças que já estão trabalhadas. É preciso parar para ensinar e para trabalhar a voz", explica Lili.

Os apelos externos são grandes. Todos os meses, é necessário um esforço da professora para que os alunos não deixem de ir para as aulas e abandonem o coral. Os alunos reconhecem o esforço. Vanessa ..., de 12 anos, diz: "Minha voz ficou bem melhor e o prazer foi maior de conhecer outras músicas. No futuro, posso até me dedicar mais", prometeu a jovem cantora.

Sempre acompanhada por dois violonistas, que fazem a base musical para as crianças cantarem, Lili reconhece a dificuldade de se ensinar músicas diferentes das ouvidas pelos alunos,

FOTOS: DAVI ARAGÃO



mas se mantém firme na proposta de estudo da nossa cultura, tanto brasileira quanto cearense. Em 2005, "Pastoril", o primeiro CD reunindo todos os corais dos ABC's foi gravado e, em 2007, mais de 100 crianças se reuniram no palco do Theatro José de Alencar para gravar o segundo, o "Cantando Nossas Cirandas", fruto de uma pesquisa da cultura popular, com cantigas de roda, cirandas, parlendas e acalantos.

Para a professora, esse dia foi especial: "A gente juntou todas essas crianças no Theatro e fez o lançamento do CD. Foi muito bonito porque tinham crianças que nunca tinham ido ao teatro. Quer dizer, nunca tinham ido ao teatro nem ao Theatro José de Alencar, ainda mais como 'estrela", afirma Lili.

O trabalho, do coral do Bom Jardim, é feito com muita dedicação. Vê-se nas crianças um semblante tranquilo e de atenção às observações da professora. Para ela, "o importante é fazer o trabalho com vontade e amor. O resto vem como acréscimo". E assim funciona o coral, conhecendo novas canções e descobrindo a própria cultura: uma maneira de se despertar os mais novos para os bons sons da vida. **PI**



Não deixe a peteca cair

Através das brincadeiras e dos brinquedos populares, as crianças aprendem a se relacionar, descobrem conteúdos escolares e sua identidade cultural

FOTO: ISABELLE CÂMARA



Playstation, joguinhos eletrônicos e virtuais, X-box, Nintendo Wii, filmes de TV cada vez mais tecnológicos. Nos tempos em que aos avanços das novas mídias ditam as brincadeiras infantis, voltar o olhar para os brinquedos e as brincadeiras populares significa retomar a magia e a alegria de outrora, em que ser criança era sinônimo de brincar de bola, peteca, pipa, boneca, roda, amarelinha, bolinha de sabão ou peteca.

Pensando em ressignificar essas práticas, muitas escolas têm investido na confecção de brinquedos, a partir de sucata, papel marché e pano, uma forma de retomar o fazer artesanal e o princípio do brinquedo, que é representar o mundo adulto, a realidade próxima.

É o caso da professora Maria Bernadete de Souza Teles, que desenvolveu o projeto “Brincar é viver” na EMEIF Complexo São Vicente de Paulo, envolvendo toda a escola, mas sobretudo os alunos do 2º ano. Tudo começou quando ela recebeu o material didático do semestre, “Lendo você fica sabendo”, que incluía uma unidade dedicada ao projeto “Brincar é viver”. “Imediatamente recordei de minha infância em Minas Gerais, na qual jogar peteca fazia parte das brincadeiras”.

Motivada pelas lembranças, a professora decidiu ensinar aos seus alunos os benefícios da peteca. “O objetivo não era só criar um momento para brincar, mas, so-



FOTOS: DIVULGAÇÃO/SECULT-CE

bretudo, diminuir os problemas de comportamento e relacionamento na escola”.

De acordo com a professora, o projeto deu tão certo que ultrapassou os muros da escola, foi parar na praça do Serviluz, juntando outras crianças. “E vários brinquedos e brincadeiras populares entraram na roda”, recorda a professora.

A professora Bernadete diz que o projeto contribuiu para o fortalecimento das relações sociais e para o aprendizado das disciplinas de História, através da pesquisa realizada pelos familiares sobre as brincadeiras de infância; Língua Portuguesa, por meio da redação de textos e da própria pesquisa sobre os modos de brincar dos antepassados; e da Matemática, com o estudo das formas e dimensões.

“Aproveitar o espaço escolar para os brinquedos e as brincadeiras populares trouxe grandes benefícios para a nossa escola, não somente por termos criado um tempo específico para aprender através do brincar, mas para estreitamento das relações, assimilação e respeito às regras, fortalecimento da identidade cultural e, portanto, da autoestima”, avalia a professora Bernadete.

Etnografia do brincar

Não é possível precisar a época em que surgiram os brinquedos populares. O certo é que eles apareceram como imitação infantil, fantasiosa ou mesmo mágica da vida adulta.

No Brasil, os brinquedos e as brincadeiras ganharam influências ibéricas,

dos negros e dos indígenas. Segundo diversos pesquisadores, as cantigas de roda e ninar têm origem portuguesa. Brincadeiras como pião, pipa e belisco, de acordo com Gilberto Freyre, são originadas da herança africana. Entre as meninas, os jogos de faz de conta, em que as representam as mães e donas de casa e as bonecas, filhas e criadas, são a representação da vida no engenho.

Entre os índios, as brincadeiras não pertencem apenas ao universo infantil; todos brincam de peteca, jogo do fio e imitar os animais. Câmara Cascudo estudou as brincadeiras entre meninas e meninos. As meninas costumam ganhar das mães brinquedos confeccionados por elas mesmas com barro cozido, representando animais e pessoas. Já os meninos têm um verdadeiro arsenal de caça e guerra, como varas de pescar e arcos e flechas. Também brincam de cabo de guerra e com chocalhos, artefato utilizado pelos adultos como elemento mágico.

No Ceará, o pesquisador Gandhi Piorski viajou pelo Estado para descobrir um pouco mais sobre a inspiração das crianças que criam seus próprios brinquedos e brincadeiras. O resultado da pesquisa está na exposição “Brincadeiras e Brincadeiras”, em cartaz no Memorial da Cultura Cearense. Ainda no mesmo lugar, a mostra “Brinquedo – A Arte do Movimento” apresenta a coleção reunida por Macao Góes. A exposição mostra expressões de arte popular, da capacidade de inventar a partir de materiais reciclados ou de materiais tradicionais como o barro. **PI**



SERVIÇO

Mostras “Brinquedo – A Arte do Movimento” e “Brincadeiras e Brincadeiras”, no Memorial da Cultura Cearense – Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (Praia de Iracema, Fortaleza). Informações: (85) 3488.8621.



Conversas de calçada

Em Fortaleza, mesmo com a alta densidade demográfica e o aumento da violência, muita gente ainda põe as cadeiras na calçada para conversar e ver a vida passar

FOTO: DAVI ARAGÃO



Dona Luísa (de vermelho) e seus vizinhos sentam na calçada todas as tardes

Mudanças do bairro, notícias do momento, novidades tecnológicas, questões do dia a dia, futebol, novelas, Deus e vida dos outros. Em Fortaleza, cidade que ostenta o título de cidade com a maior densidade demográfica do País - 8001 habitantes por km² (313,8 km² de área para mais de 2,5 milhões habitantes) - e vê a violência aumentar a cada dia, o hábito com gosto interioriano de colocar a cadeira na calçada, num fim de tarde, para conversar e ver a vida passar ainda se mantém.

E tudo pode ser assunto: a doença do cachorro, o preço do pão, o aumento do aluguel de uma vizinha, o olho doente de uma criança, um jovem que passou no vestibular, a pregação do pastor na igreja, uma leitura bíblica, quem passa na rua. O que vale é manter o hábito de

se reunir com os amigos e vizinhos. E no bairro de Fátima, alguns grupos mantêm essa forma de cultivar as amizades há mais de 30 anos.

É o caso de Maria Luísa Pontes, aposentada. Dona Luísa coloca a cadeira na Rua Abelardo Marinho por volta das 16h30. E de lá só sai às 0h. "Janto aqui mesmo. Entro, coloco a comida no prato e volto. Só assisto TV no começo da tarde. Nessa hora, quero mesmo é estar aqui", confessa.

Dona Luísa já virou figura folclórica no bairro: todo mundo que passa, faz um aceno, fala, brinca, abraça. Tanto que, atualmente, ela agrega em torno de si cerca de seis amigos, todos aposentados. "A gente senta com medo, mas gostamos de estar aqui", revela Antônio Gonçalves. Casado com Noélia Barreto Gonçalves, também integrante da roda,

ele aderiu ao grupo há pouco tempo: quatro meses - que é o mesmo tempo de moradia do casal no bairro. "Meus vizinhos são alegres e extrovertidos", comemora Noélia. Seu Francisco Frederico Carneiro dá o rumo final dessa prosa: "o que vier pra ser conversado, tá valendo".

No mesmo bairro, a Rua Bartolomeu de Gusmão, não muito distante dali, é uma animação só. Crianças brincando, homens jogando dominó e sinuca, jovens conversando, várias cadeiras na calçada. E Dona Isabel Pinto Queiroz, 80 anos, todos os dias põe a sua, de plástico, na rua. "Gosto de ficar aqui. Lá dentro é muito calor, muita muriçoca. Minha irmã sempre senta aqui comigo, mas hoje ela não está. Já estamos tão acostumadas, com a movimentação dos moradores locais, que não temos medo". Quais os assuntos preferidos, Dona Isabel? "Conversamos sobre tudo: mudanças do tempo, filhos, netos, novelas, receitas, notícias... mas quando a novela das 18h começa, entro!". **PI**

LÁ VEM HISTÓRIA...

O hábito de colocar as cadeiras na calçada vem de longe e longe vai. Está assentado no hábito de contar histórias, sentar em rodas para ouvi-las, e acompanhar a história da humanidade. Desde as comunidades primitivas, havia o hábito de transmitir oralmente, de geração a geração, as memórias individuais e coletivas e, com elas, as tradições que marcaram a cultura e a identidade das sociedades.

Ainda hoje, é através desses encontros que muitas coisas são comentadas, discutidas, interpretadas, difundidas. Atualmente, essa prática passa pela modernidade, mas se vale da tradição e se reinventa a partir daí. No livro "Um conto no passado: Cadeiras na Calçada", ganhador do Prêmio de Incentivo à Publicação e Divulgação de Obra Inédita, categoria Romance, da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Edições Livro Técnico, 2004), Raimundo Netto lembra uma Fortaleza em que as pessoas colocavam as cadeiras nas calçadas e contavam histórias umas as outras. Os mais velhos contavam e os mais jovens ouviam, extasiados - um tempo em que a televisão ainda não havia alienado nossos ouvidos e nossos olhos.

Na obra, o autor faz uma viagem por uma Fortaleza que não existe mais, começando por um tempo em que a Barão do Rio Branco ainda se chamava Rua Formosa e as fachadas das casas apresentavam frontões e arabescos - que a modernidade se encarregou de derrubar.



É pau do Brasil?

Pau-brasil, a árvore que inspirou o nome de nosso país, diferente de outras plantas, tem sua floração num intervalo de 15 a 16 meses. Mas a espera vale a pena. Por até 15 dias brotam belíssimas flores amarelas de aroma inebriante que hoje estão ameaçadas de extinção. Mais do que beleza, esta árvore está no centro das questões que envolvem o início da colonização portuguesa em nosso país, cujo marco histórico está na chegada de Cabral à Pindorama, como chamavam os índios, primeiros habitantes destas terras.

O pesquisador Fernando Lourenço Fernandes, no livro "Pau-Brasil", organizado por Eduardo Bueno, nos mostra que seria impossível em menos de cinco anos, após o descobrimento oficial do Brasil, os portugueses enviarem para a Europa 1.200 toneladas da madeira por ano, como revelam documentos da época. Como poderiam ter descoberto o pau-de-tinta em meio a mais de 200 a 400 espécies por hectare no emaranhado da Mata Atlântica, floresta de diversidade nunca vista antes pelos europeus? O que se pode concluir diante de tais revelações, que parece até



FOTO: REPRODUÇÃO

Estudos recentes apontam que seria impossível, em menos de cinco anos, os portugueses enviarem para a Europa 1.200 toneladas da madeira por ano

óbvio, mas ainda não incorporado ao ensino oficial da História do Brasil, é que os portugueses aqui estiveram bem antes do 22 de abril de 1500.

Mais do que dar nome a nossa terra e a nossa gente, o pau-brasil também foi responsável pelo primeiro ciclo econômico da colonização portuguesa. Seu peso na atividade comercial, já em 1503, é comprovado pela publicação de uma "pragmática" publicada pela rainha católica da Espanha, Isabel, proibindo a recepção, venda e compra da madeira que não viesse de suas colônias. Tudo indica para um aumento súbito do pau-brasil nos mercados espanhóis, que não poderia ter outra origem senão portuguesa.

Tudo indica também que não seriam das primeiras expedições de 1500 a 1502 que essas cargas viriam, se considerarmos os necessários procedimentos de identificação, localização, corte, armazenamento e carregamento que envolvem tempo e recursos humanos. Portanto, além da luta pela preservação de nossa árvore mãe há toda a necessidade de um entendimento histórico e cultural de nossas origens. **PI**

FOTO: ROBERTO SETTON



O bailarino cearense Flávio Sampaio viajou o mundo dançando, mas voltou ao Ceará para ensinar a arte do balé

Ceará - Mundo - Ceará

Mais um cearense do mundo. Vinte anos após ter ganhado o mundo, o bailarino Flávio Sampaio volta ao Ceará, para dar vida ao balé, no Litoral Leste do Estado

Era metade dos anos 1960 quando o menino Flávio Sampaio deixou a cidade de Paracuru, no litoral oeste do Estado, para estudar em Fortaleza. Ainda criança, mesmo sem haver tido qualquer contato direto com o balé, ele queria ser bailarino. "Como eu era garoto e estudava aqui, realmente não ia assistir balé em Fortale-



SAIBA MAIS

O posto de Maître de Ballet é a função máxima que pode ser exercida numa companhia de balé.

A atriz Mylène Demongeot é contemporânea de Brigitte Bardot e já fez mais de 72 filmes desde o início da carreira, em 1953.

Alguns veteranos da Escola de Dança de Paracuru já se tornaram professores, mantendo a carreira como profissionais em paralelo.

Flávio Sampaio continua sendo frequentemente convidado para ministrar aulas, workshops e palestras no Brasil e no exterior.

Para Flávio, a Bienal Internacional de Dança, que já teve sete edições, é um marco na história da dança cênica do Ceará.

za. E eu sabia que queria ser bailarino, mas eu não sei dizer exatamente onde eu vi e por que esse interesse pelo balé”, lembra o bailarino cearense.

O único fato de que se lembra que o teria incentivado a interessar-se pelas artes foi a visita de Mylène Demongeot, uma atriz francesa que esteve em Paracuru para fazer gravações, embora não houvesse vinculação nenhuma com a dança. “Naquela época, Paracuru não tinha televisão, não dispunha de cinema, e ir a Fortaleza era um fato muito difícil porque as estradas eram muito ruins”, descreve.

Não demorou muito para surgirem as condições de Flávio iniciar sua trajetória no balé. Entre idas e vindas ao Colégio Militar, na capital, ele teve certo contato com a dança no Curso de Arte Dramática da Universidade Federal do Ceará (UFC), através de Hugo Bianchi, professor. Lá, ficou sabendo que Dennis Gray e Jane Blauth, referências à época, iriam a Fortaleza para ensinar balé no Sesi (Serviço Social da Indústria).

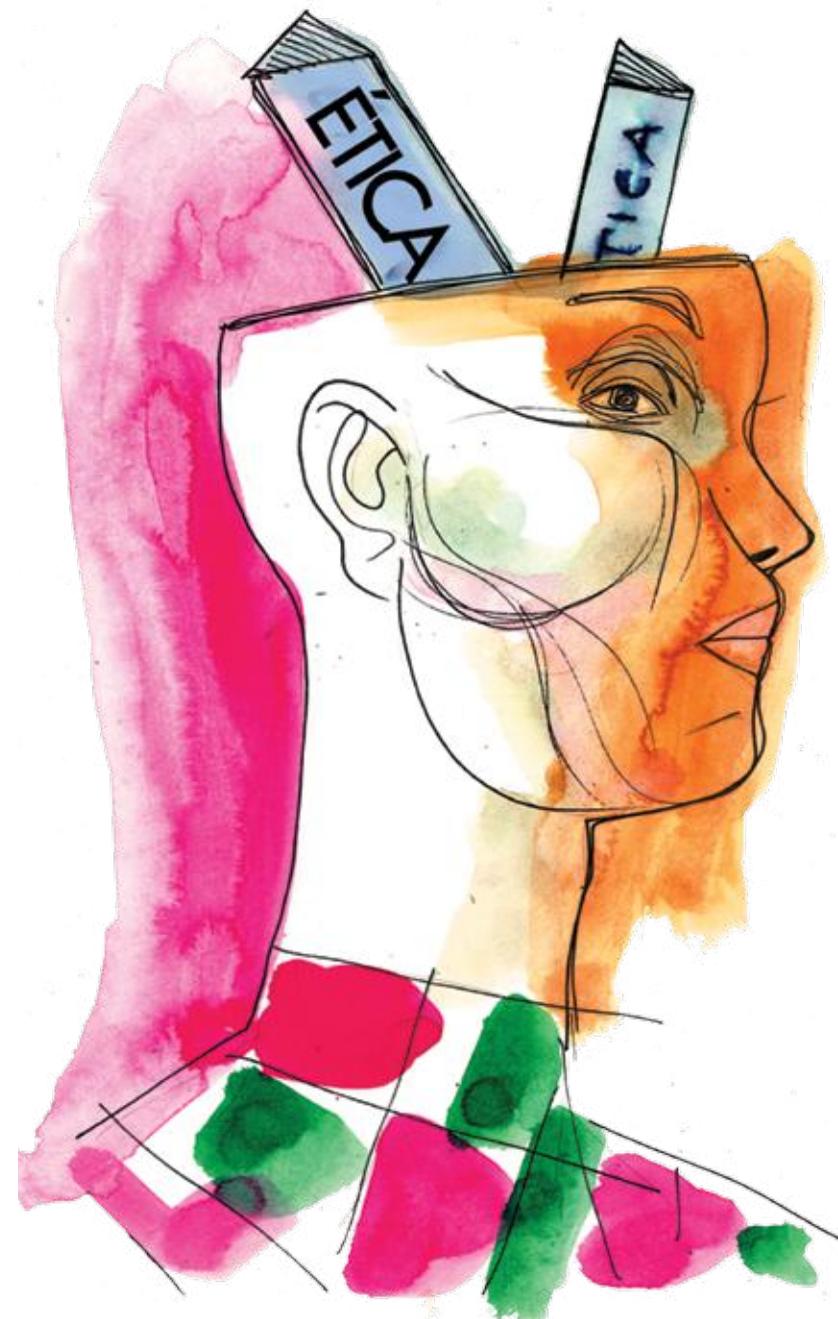
Na espreita, Flávio conseguiu ser matriculado na formação mesmo sem ser filho de operário, o que era requisito. “Só três meses depois eu consegui convencer o Dennis de que eu queria realmente estudar balé, e ele me colocou no curso”, conta. Era o empurrão que faltava para deixar de vez não só o teatro, no qual se havia introduzido, mas também os estudos num colégio que, não combinava com as intenções que nutria desde a infância em Paracuru.

Flávio Sampaio foi o primeiro artista local a seguir carreira no circuito nacional e internacional da dança. Com trajetória consolidada, no final dos anos 1990, já se completavam duas décadas que ele integrava o Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, onde chegou a ser Maître de Ballet. Foi ainda professor de companhias da Europa e da única escola do tradicional Balé Bolshoi fora da Rússia, com sede em Santa Catarina.

Mas todo o sucesso como bailarino e professor não fez com que Flávio Sampaio descartasse qualquer contato com seu Estado. Em 1999, ajudou a fundar o Colégio de Dança do Instituto Dragão do Mar, hoje extinto. No mesmo ano, as férias de três meses na cidade natal acabaram dando origem à Companhia de Dança de Paracuru. Da experiência, surgiram a Escola de Dança, em 2003, e o Festival do Litoral Oeste, que em 2010 teve a sua quarta edição.

Com apoio da Prefeitura e patrocínio da Petrobrás, cerca de 200 crianças e adolescentes de Paracuru têm acesso a aulas regulares de balé. Segundo Flávio, as escolas fazem parte do projeto, em permanente intercâmbio. “A educação é muito sensível às artes. Eu acho que não há como você educar sem sensibilizar o aluno através das artes, da cultura. Tanto a arte como o esporte podem nos ajudar bastante a resolver esses problemas sociais tão intensos como as drogas e a prostituição”, pontua. **PI**

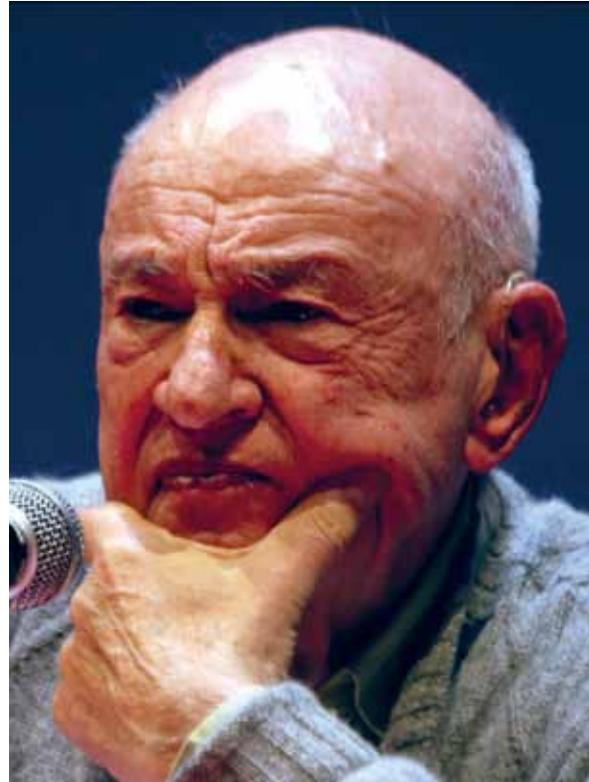
Os desafios da educação



As formulações do pensador francês Edgar Morin têm permeado o pensamento sobre a educação nos últimos 10 anos. As teses vão além do espaço formal da escola, abordando a vida humana em toda a sua complexidade

Pensar a educação e o mundo contemporâneo com a complexidade que as questões culturais, econômicas e socioambientais exigem. Esse foi o desafio encontrado pelo filósofo e sociólogo Edgar Morin, um dos maiores expoentes da cultura francesa, no século passado, quando, em 1999, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) lhe solicitou a sistematização de um conjunto de reflexões que servissem como ponto de partida para repensar a educação do século XXI. Pela tarefa proposta a Morin, é possível perceber que as teses defendidas no livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, lançado há dez anos no Brasil, não se restringem à educação formal.

FOTO: DAVID MONNIEUX



O filósofo Edgar Morin defende sete saberes fundamentais para viver no complexo mundo atual

De acordo com o próprio autor, as formulações não têm “nenhum programa educativo, escolar ou universitário” – referem-se, portanto, a sete “buracos” na educação que estão “completamente ignorados, subestimados ou fragmentados”. O guia do pensador francês é a compreensão dos seres humanos como sujeitos comprometidos na superação dos grandes problemas do nosso planeta e da nossa sociedade. O autor defende que a mola principal para educar, no presente, é o investimento em processos formativos que considerem os saberes necessários que guiarão essa educação (confira lista na página seguinte).

“É necessário elaborar um método para religar os saberes. O conhecimento é uma questão fundamental para todos”, defendeu Edgar Morin, com a experiência de seus 89 anos, quando esteve em Fortaleza, em setembro, como conferencista principal da Conferência Internacional sobre os Sete Saberes, realizada pela UNESCO, em parceria com Universidade Católica de Brasília e com a Universidade Estadual do Ceará (UECE). Passada uma década da apresentação da proposta dos Sete Saberes, importa agora falar dos desafios da educação do presente, como afirmou o tema do evento.

“O ensinamento do conhecimento deve integrar muitas exemplificações históricas, contemporâneas, para fazer entender aos estudantes como enfrentar ambiguidades e ambivalências. A questão dos saberes é o que significa ser humano. A importância desse tipo de saber é que permite religar todas as disciplinas – Ciências Naturais, Ciências Humanas, Literatura”, ensina Morin, refazendo o caminho de seu raciocínio quando formulou as diretrizes a pedido da UNESCO.

Para ele, o processo atual de globalização traz o que há de pior, como o “poder de manipulação e de destruição do capitalismo”, mas também o que a sociedade global construiu de melhor, a exemplo do humanismo e da democracia. “É um paradoxo. O

desenvolvimento em curso com a globalização vai acabar em catástrofes. [Mas] o que incentiva a desesperança também gera a esperança”, motiva Morin, emendando com uma citação do poeta alemão do século XVIII Friedrich Hölderlin: “onde cresce o perigo, cresce também a salvação”.

Compreensão

Outro valor transversal para Edgar Morin é a compreensão humana. Para ele, compreender não se trata apenas de explicar, que é objetivo. Não basta ensinar que a paz é melhor do que a guerra. “Todos sabem”, lembra. Ou seja, é necessário que se compreenda o outro, que haja alteridade. “O egocentrismo do ser humano quer

nos dar os benefícios e dar todas as imperfeições aos outros”, alerta Morin. “Temos um poder de compreensão maravilhoso tanto que em frente à tela do cinema, no teatro. Temos simpatia com o Carlitos [personagem de Charles Chaplin]. Somos capazes de compreender a complexidade dos atos, como em Shakespeare. Tantas possibilidades que não vemos quando voltamos à vida real”, raciocina o filósofo, promovendo um diálogo entre as artes e a vida cotidiana.

Por isso, Morin defende que, para dar conta da complexidade das relações, é preciso “religar os saberes”, envolvendo outros elementos da realidade que se perdem quando consideramos somente as partes, ainda que as vejamos com clareza e distinção. Estes outros elementos só são visíveis, mesmo assim de modo incompleto e incerto, quando produzimos compreensão e não

apenas explicações. As explicações desdobram, separam, especificam. Computam dados. A compreensão re junta; religa; busca relações nem sempre consideradas.

Um exemplo – lembra Morin – é a questão da pobreza, que “está ligada à desigualdade, à perda da solidariedade”. “Não podemos isolar as coisas. Devemos encontrar novos caminhos; conjugar uma metamorfose”, indica. Quando o sistema não tem mais poder de tratar seus problemas fundamentais, se destrói, regressa ou tem a capacidade de criar um novo sistema a partir do anterior. “A metamorfose é o mesmo que ocorre com a borboleta. O ser humano também [tem esse poder]”, compara. “Duas coisas: de nada se desiste; nada é irreversível. Tudo se regenera, como a vida. A vida é uma regeneração permanente. Tudo o que se gera se regenera”, resume Edgar Morin.

Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro

Segundo Edgar Morin, há sete saberes “fundamentais” que a educação do futuro deveria promover em todas as sociedades e em todas as culturas.

Ensinar o conhecimento do conhecimento – é necessário introduzir e desenvolver o estudo das características cerebrais, mentais e culturais dos conhecimentos humanos, dos seus processos e modalidades, das disposições físicas e culturais que geram o erro e a ilusão. É preciso conhecer o que é conhecer, travar “o combate da lucidez”.

Ensinar a religar os conhecimentos – a supremacia de um conhecimento fragmentado, em disciplinas, torna muitas vezes impossível estabelecer a ligação entre as partes e as totalidades. É necessário promover um conhecimento capaz de com-



preender os problemas globais e fundamentais, as relações mútuas e influências recíprocas entre as partes e o todo neste nosso mundo complexo.

Ensinar a condição humana – o ser humano é simultaneamente físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico e esta unidade complexa da natureza humana é completamente desintegrada no ensino. Os saberes disciplinares tornam impossível compreender o que significa o ser humano. É preciso restaurar esta unidade e promover de forma integrada, e interdisciplinar a compreensão da condição humana.

Ensinar a identidade terrena – o destino planetário do gênero humano é uma realidade ignorada pelo ensino. É preciso ensinar a história da era planetária que começa com a comunicação de todos

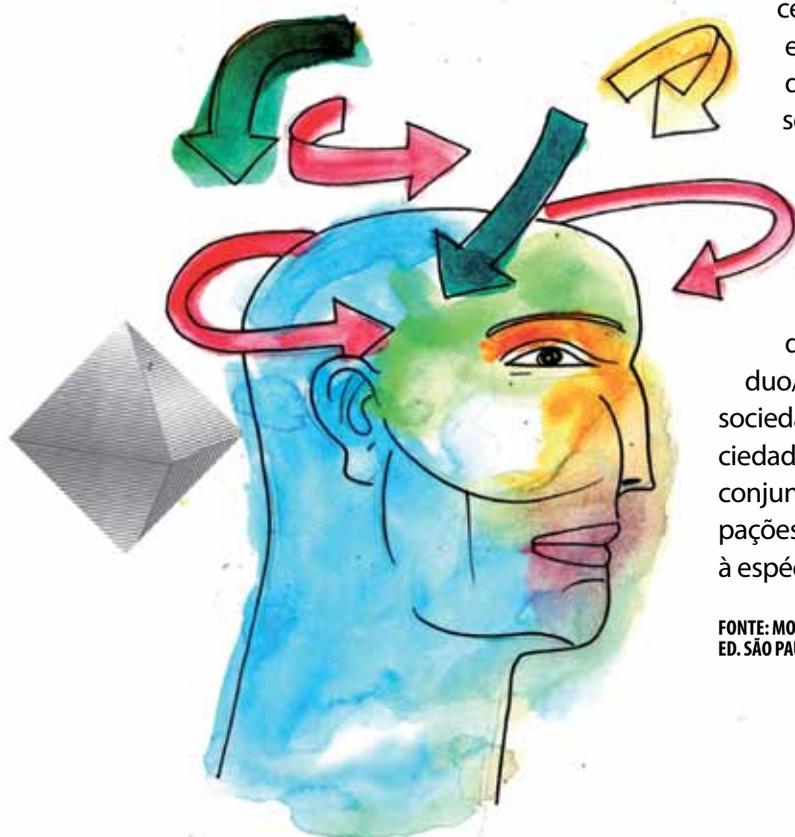
os continentes no século XVI, e mostrar como todas as partes do mundo se tornaram intersolidárias, sem ocultar as opressões e dominações que ameaçaram a humanidade e que ainda não desapareceram.

Ensinar a enfrentar as incertezas – o ensino deveria incorporar as incertezas que surgiram nas ciências físicas, biológicas, históricas e orientar-se pelos princípios de estratégia que permitem lidar com o aleatório, o inesperado e o incerto a fim de modificar o seu desenvolvimento. É preciso aprender a navegar num oceano de incertezas através de arquipélagos de certezas.

Ensinar a compreensão – a compreensão é ao mesmo tempo meio e fim da comunicação humana. O planeta precisa, em todos os sentidos, de mútuas compreensões. A compreensão entre humanos, os próximos e os estranhos é vital para o desenvolvimento da humanidade e para fazer cessar a barbárie da incompreensão. É preciso estudar as raízes da incompreensão – além de suas modalidades e seus efeitos – se quisermos viver em paz.

Ensinar a ética do gênero humano – o ensino deve conduzir a uma “antropoética”, através da consideração do caráter da condição humana – indivíduo, sociedade, espécie. Neste sentido, a ética indivíduo/espécie necessita de um controle mútuo da sociedade pelo indivíduo e do indivíduo pela sociedade. Torna-se necessário o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

FONTE: MORIN, EDGAR. OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO. 2. ED. SÃO PAULO: EDITORA CORTEZ, 2000.



“O ser humano deve ser trabalhado como um ser total”

A *Pense!* foi conversar com a professora doutora Ercília Braga, do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (Faced-UFC) sobre como os apontamentos de Edgar Morin têm relação com o dia a dia da educação. Confira:

Pense! - Como nós podemos, hoje, mobilizar educadores e demais profissionais de outras áreas do conhecimento para a necessidade de se trabalhar os Sete Saberes nos diversos níveis e ambientes educacionais?

Quando a Unesco divulgou o relatório do Jacques Delors, houve uma receptividade muito grande em todo o sistema educacional, inclusive esses princípios. Foram incorporados às políticas públicas. Então hoje essa noção de que o ser humano deve ser trabalhado como um ser total, um ser integral em todas as suas dimensões: do corpo, do psiquismo, dimensão social e espiritual, isso já é uma coisa que já circula na escola e no sistema educacional como um todo.

Pense! - Mas já está na educação do presente?

Pronto. Então o grande desafio hoje é exatamente não pensar como a educação do futuro, mas pensar para hoje, para agora, nesse momento. A sociedade atual reclama a formação de pessoas que consigam pegar toda essa gama variadíssima de informações e transformar isso em conhecimento, mas um conhecimento para a vida, para uma vida melhor. A grande proposta é exatamente isso. Esse ser de hoje deve pensar o divergente, respeitar a diversidade e se enriquecer com ele.

Pense! - Nós vemos a escola, por exemplo, hoje como um espaço muito grande de violência em diversos aspectos, como a homofobia, a intolerância, o bullying. Quais as ferramentas disponíveis para que modificar isso no cotidiano na escola?

A escola como uma instituição social está inserida em um contexto maior, então se a sociedade está violenta; o crack tem se alastrado assim de uma forma muito rápida. O *bullying* está na escola porque a violência está na sociedade, então a escola não é uma ilha, porque a escola também é sociedade, a vida também está lá. Então qual é hoje a grande necessidade? Rever os currículos de modo que esses saberes que estão sendo transmitidos e produzidos com as crianças tenham, de fato, uma relação com a vida, seja permeado pela própria vida.

Pense! - Também deve ser revista a didática, a forma como o professor aborda os conteúdos na sala de aula?

Quando eu falei na noção de currículo eu já estava incluindo desde uma concepção de quem é esse educando, como ele aprende, que necessidades ele tem, que saberes são importantes para que ele se desenvolva como um ser integral e, conseqüentemente, como eu vou abordar esses conteúdos e como vou avaliá-los. Então todos esses elementos estão presentes. Há que se investir na formação continuada desses professores e no acompanhamento pedagógico. A gente já vê experiências nas escolas voltadas para uma cultura de paz, voltadas pra o enfrentamento do *bullying* de uma forma interessante. Os saberes da comunidade em diálogo com a escola, isso é fundamental 



Geoparque Araripe:

santuário da origem e evolução da vida

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O Ceará já é conhecido fora do Brasil por suas belezas naturais, pela cultura e pela culinária. Mas o Estado também desperta atenção da comunidade científica internacional graças ao Geoparque Araripe, que em 2010 completou quatro anos de fundação. Único geoparque da América Latina e do Hemisfério Sul, o Araripe abriga as maiores reservas de fósseis do mundo.

A análise dos fósseis permite aos cientistas compreender melhor a origem e a evolução da vida no planeta. Para se ter uma ideia, alguns fósseis de insetos encontrados no Geoparque têm entre 70 milhões e 120 milhões de anos. “En-

tre os 64 geoparques existentes no mundo, o Araripe é o de maior produção científica, pois está ligado a uma Universidade (Universidade Regional do Cariri) e tem um corpo de alunos e professores com histórico de pesquisas direcionadas à biodiversidade fóssil e atual”, diz Antônio Álamo Saraiva, coordenador científico do Geoparque Araripe. “Em nenhum lugar do mundo existem fósseis tão variados, bem preservados e em quantidade tão grande”, diz Saraiva. “São milhares de espécies de invertebrados, além de uma imensidão de peixes, dinossauros, tartarugas e crocodilianos”, observa. 

GEOSSÍTIOS

Com uma área de aproximadamente 3.500 km², o Geoparque Araripe abrange as cidades de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. O Geoparque foi criado em 21 de setembro de 2006, após aprovação da UNESCO, faz parte da Associação Internacional de Montanhas Famosas e possui dez geossítios: Colina do Horto, em Juazeiro do Norte; Floresta Petrificada e Cachoeira de Missão Velha, em Missão Velha; Batateira, no Crato; Pedra Cariri, Ipubi, Parque dos Pterossauros e Pontal da Santa Cruz, em Santana do Cariri; Riacho do Meio, em Barbalha; e Ponte de Pedra, em Nova Olinda.

Esses locais possuem um grande valor científico, considerados verdadeiras “janelas” educativas da história da evolução do planeta e da vida. E a biodiversidade também é um recurso precioso do Geoparque Araripe, pois o local abriga uma extensa lista de espécies, como peixes, répteis, insetos e pássaros que só existem ali. O maior exemplo é o Soldadinho do Araripe, pássaro símbolo da região, ameaçado de extinção.

Entre as atividades científicas desenvolvidas e apoiadas pelo Geoparque Araripe estão estudos de registros arqueológicos, como pinturas rupestres, materiais cerâmicos e artefatos líticos (em pedra). Outro destaque do Geoparque é o Museu de Paleontologia de Santana do Cariri, que recebe 20 mil visitantes por ano e tem a maior coleção de fósseis do mundo do período Cretáceo: mais de 10 mil peças.

VISITAS



O mais importante sobre o Geoparque Araripe é que todo este conhecimento científico está ao alcance de alunos e professores, pois o local aceita visitas de turistas e grupos escolares. “Quando se agenda uma visita, preparamos um roteiro com os locais de maior interesse, de acordo com a preferência dos turistas”, comenta Patrício Melo, coordenador geral do Geopark Araripe. Para agendar uma visita aos geossítios, acesse o site do Geoparque (<http://geoparkararipe.org.br>) e clique no campo Agendamento de Visitas. Preencha o cadastro com seus dados e aguarde o contato do receptivo do Geoparque. Ou então entre em contato pelo telefone (88) 3102-1237 ou pelo e-mail geoparkararipe@urca.br



FOTO: WIKICOMMONS

Queimadas ameaçam áreas verdes do Ceará

O fogo sempre foi um sinal de perigo. E nunca antes o Brasil, especialmente, o Ceará, teve sua natureza tão ameaçada pelas queimadas quanto neste ano. De acordo com informações do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), somente nos primeiros nove meses de 2010 foram registrados mais de 50 mil pontos de queimadas no país. É a temporada de maior incidência de fogo nos últimos anos, agravada pelo aquecimento global, pela estiagem (que chegou a atingir 80% do território nacional), e principalmente pela ação do homem.

Mas ainda é tempo de apagar o fogo: especialistas garantem que a população pode ajudar a minimizar o problema. Não jogar lixo em áreas verdes é uma valiosa contribuição. “Um simples pedaço de vidro deixado numa área de vegetação, se fica ali várias horas, esquentando, por ser um condutor da luz do sol, provoca o fogo e se transforma num foco de incêndio”, explica a geógrafa Neuma Galvão, coordenadora de Educação Ambiental do Geoparque Araripe.

As queimadas no inverno são comuns, quando a umidade relativa do ar é baixa e os ventos são mais fortes. Mas este ano foi dramático: a massa de ar seco que atuou sobre o interior do país, nos últimos quatro meses,

levou cidades do Nordeste, Norte e Centro-Oeste a registrar em recordes de tempo seco, agravando as tragédias ambientais. Em setembro, as queimadas destruíram 3 hectares de floresta na Chapada do Araripe, região do Cariri. Também em setembro, um incêndio que durou mais de uma semana destruiu uma grande área da Serra da Ibiapaba, entre Ibiapina e Mucambo e Ubajara e Tianguá, onde escolas suspenderam aulas em razão da fumaça.

O clima influencia muito, mas estudos apontam que 99% das queimadas são causadas pelo homem, especialmente, na limpeza da terra após a colheita. “O agricultor tem que saber que não pode fazer queimada. Por menor que ela seja, pode levar semanas para ser apagada e causar um grande estrago”, diz Neuma Galvão. “Na cabeça das pessoas mais idosas e que moram no campo, em geral há pouco cuidado com a preservação da natureza. Somente quando os meios de comunicação divulgarem mais e as crianças em casa contribuírem também, alertando os pais, será mais fácil orientar a população”, completa.

Especialistas apontam que o problema também atinge áreas urbanas, onde pessoas limpam quintais ateando fogo no entulho. Em todos esses casos, é bom lembrar que a lei pode ser aplicada. A pena para quem provoca incêndio em florestas ou matas é de dois a quatro anos de reclusão. **PI**



Nas páginas da memória

Em tempos de massificação virtual e do consumo exacerbado, muitas pessoas encontram nos fazeres artesanais uma forma de afirmação da identidade e retorno à simplicidade

Receitas, poemas, divagações, lembranças de uma viagem, desenhos, estudos e tarefas de casa. Um caderno tudo guarda. E mais do que atividades do dia a dia, registra memórias e histórias de vida, alinhavadas pelos arames e fios que unem as páginas outrora brancas.

Nos tempos atuais, quando a industrialização e o universo virtual ditam os modos de consumo e as relações sociais, muitas pessoas têm se voltado para os fazeres manual e artesanal, retornando à simplicidade já apregoada nos anos de 1960 e 1970 pela contracultura.

É o caso do designer e ilustrador Julião Júnior, que

promove oficinas de cadernos artesanais em alguns espaços públicos e educativos de Fortaleza. “Em tempos digitais e de *fast food*, é possível observar o resgate de técnicas antigas, como a caligrafia, a fotografia (com as câmeras lomográficas, tradicionais) e a encadernação. Parece haver uma necessidade do tipo ‘faça você mesmo’ nas pessoas; o que torna a oficina de encadernação bem aceita”.

Desde os primórdios da humanidade que homens e mulheres fazem objetos de uso diário com as mãos. O

designer lembra que uma encadernação bem antiga é a copta. “Os coptas (religião cristã praticada no Egito) desenvolveram uma técnica de encadernação para arquivar seus escritos. Já imaginou como não deveria ser uma biblioteca de papiros? A complexidade de se manter isso organizado? Sucesso total nas bibliotecas egípcias, que depois ganhou o mundo”.

A própria industrialização deu seus primeiros passos com o artesanato: senhores

de ofício contratavam trabalhadores para uma produção modesta que abastecia o mercado. Até que se sentiu a necessidade de aprimorar a qualidade e a quantidade dos produtos e vieram as máquinas. Foi quando surgiu a exploração da mais valia, como dizia Karl Marx, para se produzir mais em menos tempo. O feito à mão se separa, definitivamente, do industrializado.



Mas o processo de produção em massa desencadeado pela Revolução Industrial já vem sendo questionado há algumas décadas e, em paralelo, puxado a revalorização do feito à mão como proposta de consumo. Não à toa, a cada dia surgem novos artesãos, artistas e mestres de ofício, que são reverentemente valorizados pela sociedade e pelas políticas públicas de cultura e educação.

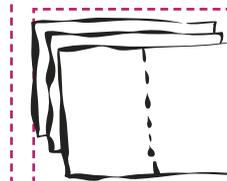
De acordo com Julião, na construção do caderno existem diversas fases, como em um videogame: temos

que superá-las, uma a uma, para se ter o objetivo finalizado. “Análise, vinco e corte do papel, tipo da costura e, pra mim o grande chefão do final da fase: a capa. Vencidas essas etapas é uma satisfação ter o caderno nas mãos, como um prêmio. Diferentemente do jogo eletrônico, que depois de finalizado, só nos resta desligar a TV”. Para o designer, a questão básica é o prazer em ver algo feito por si mesmo, sem que isso não signifique um retorno financeiro.

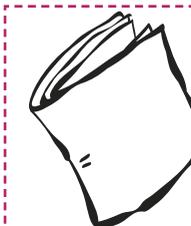
E nas escolas os cadernos artesanais podem ter muitas funções: escrever as tarefas do dia a dia, fazer os desenhos, diários, as agendas de classe ou até escrever histórias de vida, através das quais as crianças podem registrar, com apoio das famílias, momentos importantes de sua trajetória, como a gravidez, o parto, os primeiros dias de vida e o primeiro dia na escola.

Julião diz que um caderno simples pode ser feito apenas com papel e linha. “Existem diversos tipos de encadernação. Umas exigem um pouco mais de prática, tempo e dedicação. Mas há cadernos que exigem apenas um pouco de capricho mesmo. E qualquer pessoa consegue fazer o seu”. **PI**

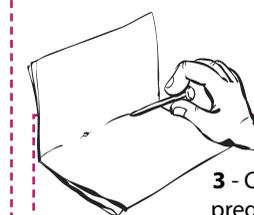
FAÇA VOCÊ TAMBÉM!



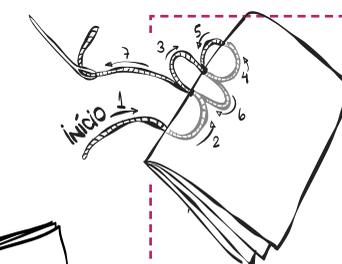
1 - Pegue 5 ou 6 folhas de papel



2 - Dobre todas ao meio de uma só vez



3 - Com ajuda de um prego ou agulha faça 4 pequenos furos bem na dobra



4 - Siga o diagrama de costura acima



5 - Aperte a costura e dê um nó bem firme



6 - Agora é só fazer aquele desenho na capa e sair exibindo sua criação!



Ressignificando as práticas tradicionais

FOTO: MORGUEFILE



O *Pequeno Nicolau* é um filme francês que narra a história de um menino, seus amigos, sua família, sua escola. Em uma das cenas, um aluno relapso é surpreendido pelo bedel, que lhe obriga a escrever 300 vezes uma frase, hábito, há muito tempo, abandonado pela escola moderna. Na prática escolar tradicional, essas atividades eram apresentadas aos alunos simplesmente para ocupar o tempo ou, o que é pior, serviam como forma de punição por determinada conduta, como é o caso do filme.

Esse processo mecânico e sem significações pedagógicas já se tornou até motivo de

piada. Segundo uma dessas anedotas, um aluno, em um ditado, escreveu a palavra cabeu, e a professora, indignada, o mandou copiar a palavra 100 vezes. A criança a repetiu por 99 vezes, entretanto, não havia mais espaço no papel. Ela se dirigiu à professora e exclamou: “Pronto, professora, fiz 99 vezes, mas não cabeu tudo”. Bem, a piada pode até ser engraçada, mas, didaticamente, esse modelo de educação repetitiva não tem graça.

Antigamente, bem antes do surgimento da imprensa, a cópia era imprescindível. Sem máquinas para reproduzir os textos, os livros

eram copiados por monges, frades ou copistas. A preservação dos escritos dos grandes pensadores só foi possível pelos trabalhos dos antigos escribas. Hoje, entretanto, essa atividade torna-se impraticável, tendo em vista os inúmeros recursos que se dispõe para copiar um texto.

Como prática social a cópia atualmente é desnecessária. Assim, as atividades que exigem o uso de cópias precisam ser resignificadas em sala de aula. Copiar um conto de um livro didático, uma receita ou uma letra de música, sem um contexto significativo, não faz nenhum sentido para o aluno, mas copiar o título de um livro que o aluno levará em casa pode ser um exemplo de reformulação dessa atividade.

Isso porque repetir uma palavra várias vezes não garante que a criança aprenda a escrever. No processo de aquisição da escrita, o erro é inevitável, mas o aluno precisa perceber o que está errado e não repetir a palavra certa por diversas vezes. Pedir que o aluno compare, reflita e pense a ortografia é uma atividade necessária nessa aprendizagem. O aluno em processo de aquisição do código escrito possui suas próprias hipóteses e pensa bem diferente do adulto.

A obra *Clarice Bean tem um problema*, de Lauren Child (Editora Ática), pode ser uma boa leitura para que o professor entenda o pensamento da criança diante do complexo sistema do código ortográfico. A protagonista se vê em meio a uma maratona de ortografia, uma série de ditados programados e chega a conclusões interessantes sobre as arbitrariedades do signo.

Mas não basta entender o pensamento das crianças. A prática tradicional precisa ser repensada em sala de aula. Segundo Arthur Go-

mes de Moraes, em seu livro *Ortografia: ensinar e aprender* (Ed. Ática), o ditado com focalização é uma estratégia interessante para sistematizar as descobertas ortográficas dos alunos. Para realizar esse tipo de atividade, o professor precisa selecionar um texto e eliminar palavras que sejam exemplos dos aspectos ortográficos em estudo. A ideia é focalizar aspectos ortográficos que precisam ser trabalhados em sala. Cada aluno recebe uma folha com o texto lacunado. O professor faz a leitura do texto na íntegra. Depois, retoma a leitura para que os alunos copiem as palavras que faltam. A cada palavra copiada, um aluno vai ao quadro e a escreve como souber. Então, a turma avalia se a escrita está certa ou errada, apresentando suas conclusões.

Outra atividade interessante é a escrita espontânea dos alunos. O professor pode sugerir que cada criança tenha um caderno para escrever o que quiser; inclusive cópias de textos que acharem interessantes. Uma espécie de diário de textos do dia a dia.

No artigo *A Intervenção Pedagógica e a Compreensão da Língua Escrita*, Ana Teberosky, educadora argentina, relata uma metodologia adotada por uma professora em uma escola de Barcelona. A professora articulou ditado e cópia ao mesmo tempo. Primeiro, o processo foi inverso, quem ditou o texto foram os alunos. A professora copiava as falas no quadro e quando alguma não tinha coerência, ela perguntava o que havia de errado e os alunos corrigiam. Depois, todos copiarão o texto coletivo do quadro. O mais importante é que o texto coletivo surgiu a partir da recontagem de um conto infantil lido na sala de aula. Esse pode ser outro bom exemplo para os educadores, lembrando os velhos tempos, mas conectados à era da tecnologia. ■



José Saramago:

numa asa a filosofia e na outra a imaginação

Já pensou se a morte tirasse férias e ninguém mais morresse na face da terra? E se todos fossem cegos? Ou se em um país qualquer todas as pessoas votassem em branco? Estas foram algumas das inquietações que José Saramago, escritor português, transformou em livros e estabeleceu diálogo reflexivo com seus leitores.

O escritor se chamaria apenas José de Sousa como o pai, mas o tabelião da aldeia de Azinhaga, província de Ribatejo, onde o menino nasceu, em 16 de novembro de 1922, acrescentou o apelido pelo qual os pais eram conhecidos, "os Saramagos". O escritor tornou-se o primeiro Saramago de sua família. O vocábulo nomeia uma planta que serve de alimento para os pobres. Coincidência ou não, a escrita desse português cumpre a missão etnológica da palavra, pois alimenta as indagações dos

homens sobre questões da existência.

Mas o caminho literário foi árduo e longo. Fascinado pela literatura deste cedo, Saramago só conseguiu comprar seu primeiro livro aos 19 anos e com dinheiro emprestado de um amigo. A obra inicial, *Terra do Pecado*, escrita em 1947 quando o escritor somava 25 anos, não obteve sucesso editorial. Depois disso, passou 20 anos sem publicar. Nesse entremeio, ele exerceu diversas profissões: foi serralheiro, mecânico de automóveis (embora não soubesse dirigir), desenhista, funcionário público e tradutor.

Viveu sem muitas novidades até completar os 57 anos, quando decolou na literatura ao publicar *Levantado do Chão*. Uma verdadeira denúncia da exploração, do desemprego e da miséria dos trabalhadores rurais da região de Alentejo, sul de Portugal. Realidade bem conhecida pelo escritor,

FOTO: DIVULGAÇÃO



pois seus pais eram trabalhadores rurais.

Unindo literatura a fatos históricos, Saramago desenvolveu os melhores frutos da sua produção literária como: *Memorial do Convento* (1982), *A jangada de pedra* (1986), *História do cerco de Lisboa* (1989). Em outras obras há uma atmosfera surpreendente como em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), adaptada para o cinema pelo cineasta brasileiro Fernando Meirelles, um surto de cegueira branca se alastra pelo mundo. Em *O evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago humaniza Jesus e alude a uma eventual relação Dele com Maria Madalena. O livro foi considerado ofensivo pela Igreja Católica e Saramago passou a sofrer perseguições, o que o levou a resistir na ilha de Lanzarote com sua esposa Pilar.

A grande história de amor entre Maria del Pilar del Rio Sanchez e José Saramago surgiu a partir da obra *O Memorial do Convento*. A jornalista sevilhana sempre fora apaixonada por literatura. Um dia, encontrou a obra em uma livraria de Sevilha, comprou-a. Leu rápida e fascinadamente. Comprou todas as outras obras do autor. Devorou tudo e resolveu entrevistá-lo. Da entrevista à identificação total. O amor nasceu. Saramago somava 64 anos e Pilar 36. Segundo Saramago, ela o fez rejuvenescer. Casaram em 1988 e viveram felizes até a morte do autor, em 18 de junho de 2010.

Em 1998, José de Sousa Saramago ganhou o Nobel de Literatura pelo conjunto da sua obra. Já conceituado continuou escrevendo romances polêmicos. Em *Ensaio sobre a lucidez* (2004), durante as

eleições de um país imaginário, os votos são todos brancos. Nessa obra, o autor retoma alguns personagens da obra *Ensaio sobre a cegueira*, de modo que o branco da cegueira é substituído pelo branco do voto, a consciência política.

Em *As Intermittências da Morte* (2005) a morte é personificada e resolve fazer uma greve, trazendo trágicas consequências para a humanidade. Nessas últimas obras, Saramago penetrou nos caminhos da sociedade contemporânea, questionando a sociedade capitalista e o papel da existência humana condenada à miséria, ao abandono e à morte. **PI**

Prêmio Nobel de Literatura, José Saramago faleceu em 2010. Ao lado, cena do filme "Ensaio sobre a Cegueira", de Fernando Meirelles, baseado na obra do autor

FOTO: WIKICOMMONS





Durma bem e viva mais

Para a saúde, o sono é tão importante quanto uma boa alimentação e os exercícios físicos

FOTOS: MORGUEFILE



Maria Amélia Angeli Pereira, uma simpática senhora de 86 anos, com 11 netos e três bisnetos, tem uma recomendação simples quando algum pai reclama que seu filho dorme demais: “Deixe-o quieto, enquanto a criança dorme, cresce”. O que a vovó já sabia por intuição há muitos anos, agora a ciência está comprovando. São cada vez maiores as provas de que o sono é fundamental para a saúde de bebês, crianças e adultos.

Para o desenvolvimento dos pequenos, o sono é tão importante quanto à alimentação. O hormônio do crescimento, produzido pela glân-

dula pituitária, tem papel fundamental nesse processo. Vários fatores afetam sua produção – e nas crianças, o mais importante deles é o sono. Por isso, os pediatras recomendam que crianças até cinco anos tenham em torno de 10 a 12 horas e meia de sono por noite.

A quantidade diminui para cerca de 8 horas, por noite, quando a criança chega à idade escolar. Sem o sono adequado, o desenvolvimento e a saúde podem ser seriamente afetados, pois outros hormônios, como o que regula o apetite, são produzidos em excesso, podendo provocar obesidade infantil. “A criança que

dorme mal não consegue seguir uma dieta equilibrada e fica mais tempo na televisão e no computador porque não tem disposição para fazer atividades físicas”, defende a pediatra Maria Amparo Martinez Descalzo, do Hospital Santa Catarina (SC).

Para os adultos, não dormir o suficiente é um preço a ser pago pelo organismo: cedo ou tarde vai afetar a saúde, a performance e até a segurança pessoal. Um estudo de pesquisadores da Penn State College of Medicine, em Hershey, nos Estados Unidos, revelou que pessoas que dormem menos de cinco horas por dia têm 500 vezes mais chances de se tornarem hipertensas, comparadas àquelas que dormem mais de seis horas. “Quando se dorme menos que o necessário, funções im-



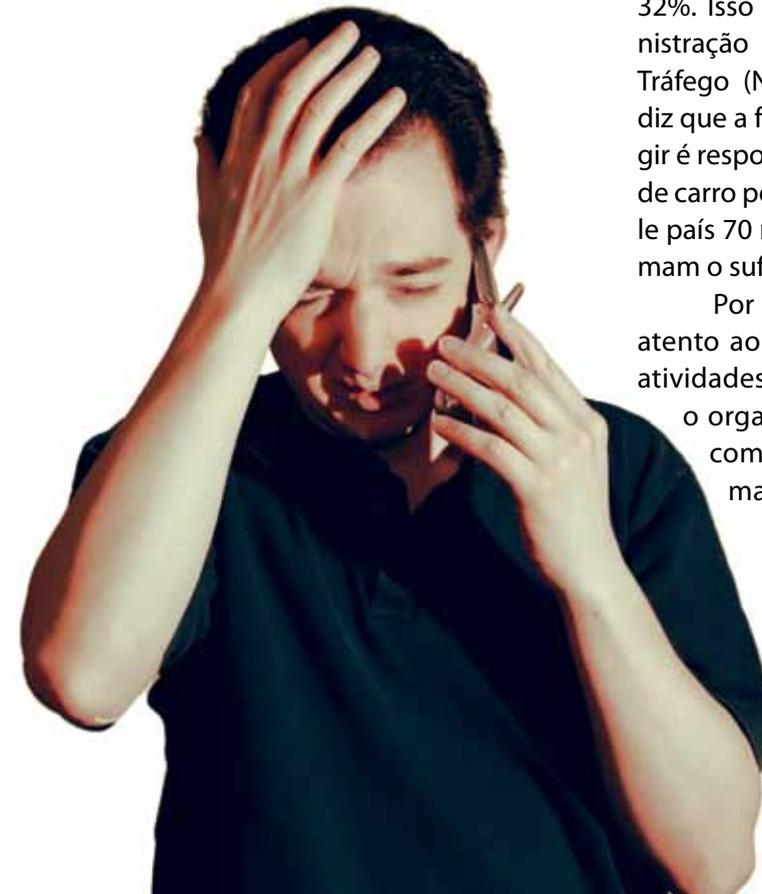
Estudos relacionam a redução do tempo de sono aos acidentes de carro

portantes são alteradas. As primeiras coisas a serem afetadas são a memória e o humor. A pessoa passa a ficar esquecida e irritada”, diz o neurologista Cláudio Sepúlveda.

Além disso, estudos indicam que reduzir o tempo de sono em uma hora e meia por apenas uma noite diminui a atenção durante o dia seguinte em 32%. Isso pode ser perigoso: a Administração Nacional de Segurança no Tráfego (NHTSA) dos Estados Unidos diz que a falta de concentração ao dirigir é responsável por 100 mil acidentes de carro por ano. Estima-se que naquele país 70 milhões de pessoas não durmam o suficiente.

Por isso, a melhor dica é: esteja atento aos sinais do seu corpo. Evite atividades muito agitadas à noite. E se o organismo pedir descanso, faça como os bebês – deite-se, durma e viva mais. **PI**

A memória e o humor são os primeiros a serem afetados quando se dorme menos que o necessário



VOCÊ SABIA?

Há quem sonhe em preto e branco. Uma pesquisa feita pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com 70 adultos, mostrou que 77,6% deles tiveram sonhos coloridos e 22,4% em preto e branco.

“Cair nos braços de Morfeu” significa adormecer. A expressão surgiu quando o farmacêutico alemão F. W. Setürmer isolou, em 1803, o alcalóide ativo do ópio, chamando-o de morphium (morfina), numa alusão a Morfeu, deus do sono.

Pesquisadores da Universidade de Helsinki, na Finlândia, mostraram que crianças que dormem menos de 7,7 horas têm maiores níveis de hiperatividade e déficit de atenção e impulsividade.



Vocabulário lindimais*!

Existe um texto que circula pela internet, assinado por Assis Coelho, que diz o seguinte: “Em Fortaleza é assim: a cidade é ‘pai d’égua’, pois o ano todo faz um calor de rachar o quengo. E toda noite tem comédia, afinal, o povo é moleque e ‘bonequeiro’ que só! ‘Tem é zé’ pra um cabra conhecer aqui e depois querer ‘capar o gato’. Pode ser liso, estribado, vir de perto ou lá da ‘baixa-da-égua’. ‘Arre’, se a cidade é boa assim, avalie o povo! Tem gente de todo jeito: do ‘fresco’ ao invocado, do ‘batoré’ ao ‘galalau’, dos ‘gato réi’ às ‘espilicute’, do cabra-macho ao ‘fulerage’ e muitas outras ‘marmotas’. Valhame, Deus! Que diabo é isso? Tão bom que nem presta. É por isso que nas férias dá uma ‘ruma’ de turista, tudo doido por uma ‘estripulia’, pois sabem que Fortaleza não é de se ‘rebolar no mato’. Arre égua, ô ‘corra linda’ essa cidade, ‘mah!’”

Por mais que pareça improvável, esse texto pode ser dito, sim, pois o Ceará detém um dos vocabulários mais ricos e engraçados do país. Ainda que a norma culta não reconheça esse dialeto, o falar cearense é objeto de

diversos estudos dialetais e sociolinguísticos, com foco no léxico. Segundo o historiador Raimundo Girão, em seu livro *Vocabulário Popular Cearense* (Edições Demócrito Rocha, 2000), existem vários estudos sobre o idioma cearense: *Atlas Linguístico do Estado do Ceará*; *Antologia do Folclore Cearense*, de Florival Serraine; e *Fonética do Português do Ceará*, de Martins de Aguiar.

No prefácio da primeira edição da obra, Girão diz que esses estudos dos falares regionais devem existir para a busca do entendimento da própria identidade, mas nunca para qualificá-los como ‘dialetos caipiras’ ou algo parecido. Segun-

“Raimundo Girão diz que esses estudos dos falares regionais devem existir para a busca do entendimento da própria identidade, mas nunca para qualificá-los como ‘dialetos caipiras’ ou algo parecido”

do ele, termos e expressões da linguagem popular, cheia de vivacidade, de originalidade, de criações às vezes estapafúrdias e inexplicadas, às vezes gaiatas, movimenta-se em variadas transições. “É o linguajar do povo, cheio de intercomunicações, pela palavra, da gente que não obedece, porque não sabe, ou porque não quer, a cânones ou a draconianas imposições gramaticais, e, portanto, não há de ser confundida com a camada social que se serve da lingua-

gem corrente, comum, mediante disciplinada. Essa mesma linguagem popular compreende, não só, em grande parte, os empréstimos do tupi e das falas negras, como vocábulos lindamente lusos, arcaizados em Portugal, mas persistentes e encontrados em comunidades do interior ou sertão, que viveram mais isolados dos centros urbanos, onde a linguagem corrente, à custa de fatores diversos, os esqueceu ou desprezou. (...)” **PI**



E é ele, Raimundo Girão, que dá os significados e as origens de algumas das expressões citadas aqui. Confira:

Baixa-da-égua: Lugar imaginário para onde se manda alguém, insultosamente: “Vá pra baixa-da-égua!”, suma-se!, retire-se! Lugar muito distante: “É pra lá da baixa-da-égua”.

Batoré: Baixo e grosso, entroncado.

Espilicute: Saída, espevitada, afetada nos modos e no falar.

Estripulia: Desordem, bulício, buba, barulho, conflito. O mesmo que estropelia, prótese de tropelia, derivação sufixal de tropel: “Eu já era um frangote e doido por uma estripulia”.

Galalau: Pessoa muito alta e ousada. Segundo João Ribeiro, tem a palavra origem em Galalon ou Galelon, um dos paladinos de Carlos Magno, sujeito alto e magro.

Marmota: Indivíduo mal vestido, desengonçado; o mesmo que marmotoso, coisa extravagante, encenação misteriosa; espantalho que se coloca nos roçados para afugentar os passarinhos e defender de sua devastação os plantios. Parece vir do francês: marmotte.

Ruma: Quantidade – “uma ruma de gente estava na festa”

*Lindimais: corrutela de “lindo demais”



Gêneros jornalísticos



Entende-se por gêneros jornalísticos as diferentes formas pelas quais os jornais e as revistas apresentam os relatos das informações. Segundo Luiz Beltrão, os gêneros jornalísticos subdividem-se em três níveis do discurso. O primeiro nível chama-se Jornalismo Informativo. Nele encontram-se os gêneros que tratam de assuntos estritamente informativos e que não emitem juízo de valor. Alguns exemplos são a nota, notícia, reportagem e entrevista.

A notícia é um relato de um fato ou um acontecimento atual de importância para a comunidade leitora. A reportagem é uma espécie de notícia ampliada. Esse gênero traz informações apuradas, em mais de uma fonte, abordando diversos ângulos de um mesmo assunto. A reportagem, além de informar, também procura interpretar o fato. A entrevista é um trabalho de apuração que pressupõe o contato pessoal entre o repórter e o entrevistado ou os entrevistados.

O segundo nível é o Jornalismo Interpretativo. Nele se encontra apenas a reportagem em profundidade. Essa espécie de ramificação do gênero busca o aprofundamento, através dos antecedentes, da projeção de futuro, de um prognóstico, da informação na íntegra e de uma análise dos fatos interpretados pelo repórter.

O terceiro e último nível é o Jornalismo Opinativo que se compõem de textos que apresentam informações em que o jornalista está autorizado a emitir juízo de valor. Nesse nível encontramos o editorial, o artigo, a resenha crítica, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta do leitor.

pense!

Cada gênero do discurso opinativo guarda uma especificidade. O editorial, por exemplo, busca a impessoalidade, é publicado sem assinatura. Expressa os pensamentos do veículo ou da empresa responsável pela publicação sobre um assunto ou acontecimento de maior relevância. O artigo é um texto opinativo um pouco mais extenso. Geralmente, comenta um assunto a partir de uma determinada fundamentação. Já a coluna é sempre identificada pelo autor que a assina e emite opiniões sobre o desenvolvimento de fatos ocorridos em uma determinada área como a economia, a política etc. A crônica é um texto que transita entre a literatura e o jornalismo. O texto é leve, geralmente, apresenta elementos do humor e nasce de uma notícia jornalística ou de um fato corriqueiro do dia a dia. A caricatura representa a opinião de seu produtor. Esse texto visual emite opinião de um fato ou pessoa a partir do veio humorístico. A carta do leitor, como o próprio nome já diz, traz as ideias do leitor sobre determinado assunto noticiado, por um jornal ou por uma revista. **PI**



De onde vêm os Dois Baiões?

Arroz e feijão: baião de dois, prato típico do Nordeste, mais precisamente do Ceará, como atesta Câmara Cascudo em seus estudos sobre a cultura popular brasileira. Essa arte gastronômica veio do sertão, da falta de recursos, da necessidade, da escassez, "onde come um, come dois", e ganhou o mundo. Inicialmente era feito apenas com feijão e arroz e alguns temperos. Depois que se tornou famosa, ganhou outros ingredientes: queijo, nata, carne de sol, manteiga, leite de coco, toucinho, linguiça etc.

Esse manjar ultrapassou as fronteiras do paladar e chegou aos nossos ouvidos pela voz, pelos instrumentos e pelas palavras do cearense Humberto Teixeira e do pernambucano Luiz Gonzaga. O termo virou ritmo musical, gênero do forró arrasta-pé no qual os casais dançam colados. Mas, para o escritor Braulio Tavares, o baião é carioca. Pois embora as letras do Rei do Baião falem sobre a seca, as chuvas, as danças, as festa de São João, ou seja, todo o universo sertanejo, elas não representam uma música rural autêntica, uma vez que foram produzidas no meio urbano. A música "Baião de Dois", por exemplo, foi criada em 1940, em pleno Rio de Janeiro.

Ainda segundo Tavares, a ideia de Luiz Gonzaga era criar um movimento musical tipicamente nordestino, por isso elegeu a sanfona, o triângulo e o zabumba*. Outro elemento inovador, para o período, era a criação de letras, tendo em vista que os forrós, até então, eram animados quase sempre com músicas instrumentais. Porém, foi no Rio de Janeiro, e não no Nordeste, que Gonzagão encontrou a figura de um compositor profissional, o advogado e poeta Humberto Teixeira, o Dr. do Baião.

Assim, o baião não foi trazido do sertão para ser cantado no sudeste. O ritmo surgiu da mescla de elementos rurais e urbanos, ao partir da criação de nordestinos já radicados no ambiente carioca. Teixeira morava no Rio de Janeiro desde os 15 anos. Apesar do local físico de nascimento do ritmo ser o Rio, a essência dessa música está na alma do povo nordestino, na inquietação por tempos melhores e na poesia que brota em quem busca uma vida mais digna. **PI**

*o zabumba: Conforme o dicionário Dermal Ribeiro Rios atualizado



Humberto Teixeira formatou o gênero baião junto com Luiz Gonzaga



FOTO: FLICKR/LUIS AUGUSTO RODRIGUES



Tejuçuoca: a capital nacional do bode

Localizada na região norte do Estado, a 145km de Fortaleza, a cidade de Tejuçuoca é uma das mais jovens do Ceará, tendo sido elevada à categoria de município só em 1987. Seu nome, em tupi-guarani, significa “morada dos grandes lagartos”, mas, hoje em dia, ela é popularmente conhecida como a cidade do bode. Essa fama é justificada pela enorme criação de ovinos e caprinos que se desenvolve no local, fonte de ren-

da para muitos dos seus moradores.

A cidade é excelente para quem se interessa pela prática do turismo rural, com passeios ecológicos que exploram a vegetação catingueira, proporcionando o contato com animais da fauna local, como tatus, pebas, preás e tejos. Aos que gostam da vida pacata de cidades interiores, Tejuçuoca se mostra acolhedora e receptiva, esbanjando a simplicidade da vida sertaneja.

O Bode

Tejuçuoca tem como principal atração a presença do bode circulando entre os cidadãos. Às vezes, algumas famílias chegam a criá-lo dentro de casa. Por não ter indústrias, Tejuçuoca tem, no bode, a matéria-prima de grande parte do seu desenvolvimento econômico.

Hoje em dia, são criados na cidade cerca de 16 mil caprinos, quantidade equivalente a um animal por morador. É através desse número que, parte da agropecuária local, se sustenta, por meio da venda da carne e do leite oferecidos pelo bode.

No início deste ano, foi criado o Bolsa Bode. O programa da Prefeitura do município é uma forma de incentivo para gerar renda e incluir jovens no processo de criação dos caprinos. Cada um deles recebe uma ovelha ou uma cabra, com uma ajuda de custo mensal para cobrir gastos com vacinas e ração. Em troca, a Prefeitura se compromete em comprar a carne e o leite produzidos; uma maneira sustentável de valorizar o produto local, incentivando o desenvolvimento sustentável.

Parque Ecológico Furna dos Ossos

O parque Furna dos Ossos é o mais reconhecido ponto turístico do município. Sua origem se remonta aos tempos pré-históricos, passando pelos índios Tupinambás até a chegada dos cangaceiros, que costumavam se refugiar da polícia por lá. Seu nome, por sinal, faz referência a esse fato: os corpos desses cangaceiros, já mortos, eram abandonados ali, entre as grutas.

As formações rochosas que compõem o parque são marcadas pela história local dos nativos, que fazem questão de encher de misticismo e imaginação os que por lá passam. No caminho do passeio, que dura em torno de meia hora, é possível que o visitante veja aves nativas e a vegetação local, como o mandacaru e o xique-xique.

Em meio ao cenário turístico, as rochas tomam forma e ganham nomes como Pedra do Macaco e Pedra da Cabeça do Índio. Aos mais aventureiros, o passeio também dá a possibilidade de se fazer escalada, através das raízes que crescem cobrindo as pedras das furnas.

O CEARÁ CONHECE O CEARÁ

FOTO: DÁRIO GABRIEL/JORNAL O POVO



Há nove anos, sempre no mês de maio, a cidade de Tejuçuoca recebe mais que o dobro da sua população para o maior evento do município: o Tejubode, uma das maiores feiras agropecuárias do Norte e Nordeste. Iniciada em 2001 com o objetivo de ser uma simples feira de ovinos e caprinos, a festa cresceu e, hoje em dia, é referência no Estado pelo seu empreendedorismo e fortalecimento da agropecuária local.

Durante o evento, há espaço para a compra e venda de animais, degustação de comidas típicas, desfile de bodes, exposição de artesanato e shows que acontecem em todas as noites da festa.

Para o município, o evento só traz melhorias. Graças a ele, já foram

implantadas agências de banco e o ecoturismo passou a crescer não só em períodos de festa. A cidade ganhou fama e isso afetou positivamente a autoestima dos seus moradores que, graças à feira, têm um ganho extra durante o período do Tejubode.

Aos que se interessarem, o evento ocorrerá em maio de 2011 no Joãozão, parque de exposição da cidade. O local tem 15.000 metros quadrados e será dividido para comportar cerca de 40 boxes de animais, postos médicos, área de estacionamento e barracas para a comercialização de comidas e bebidas típicas. O melhor é que a entrada é gratuita. Vale a pena conhecer e incentivar a iniciativa que valoriza a produção local. 

SERVIÇO

Secretaria de Cultura, Empreendedorismo e Turismo de Tejuçuoca - SECEMT - Telefone: 3323.1154 - e-mail: turismo@tejuocuoca.ce.gov.br

SUPER PROF EM OS BICHOS-LETRA

POR NATHÁLIA FORTE
CONSULTORIA PEDAGÓGICA: LARA MACHADO
ASSISTENTE DE ARTE: BRENO MACEDO

